

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM NÍVEL DE
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA**

SHIRLEY DA SILVA OLIVEIRA

**Religiosidades africanas e suas relações com as diversas áreas
sociais.**

JUIZ DE FORA – MG

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OLIVEIRA, Shirley da Silva.

Religiosidades africanas e suas relações com as diversas áreas sociais. / Shirley da Silva OLIVEIRA. -- 2017.

49 p.

Orientador: Marcos Dias COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Religiosidades africanas. 2. ancestralidade. 3. Geografia. 4. material didático. 5. cosmogonia. I. COELHO, Marcos Dias, orient. II. Título.

SHIRLEY DA SILVA OLIVEIRA

**Religiosidades africanas e suas relações com as diversas áreas
sociais.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África elaborada sob a orientação da Prof. Marcos Dias Coelho, como requisito parcial para a obtenção do certificado de especialização em História da África.

JUIZ DE FORA – MG

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Religiosidades africanas e suas relações com as diversas áreas sociais.**”, elaborado por Shirley da Silva Oliveira, sob a orientação da Prof. Marcos Dias Coelho, como requisito parcial para a obtenção do certificado de especialização em História da África, foi aprovado por todos os membros da Comissão Examinadora designada pelo Departamento Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2017.

Prof. Marcos Dias Coelho
Orientador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda minha família, em especial ao núcleo Verônica e Laércio Assis de Oliveira, meus pais. Neste se encontram as razões do meu viver, minha filha amada Verônica, meus irmãos Sidney e Sheila e meus sobrinhos Matheus, Bruna, Maria Eduarda e o mais novo membro, Wallace. Estes são responsáveis pelos sonhos que acalento e toda realização que deles possam vir.

Agradeço imensamente ao professor Marcos Dias Coelho pela orientação na elaboração desta pesquisa. Meus sinceros agradecimentos à coordenação, monitoria e ao qualificado grupo de professores do curso de especialização em História da África, pois foram muito importantes e acrescentaram bem mais que o saber acadêmico.

Meu agradecimento especial à Angeliza Lopes Aquino pela ajuda nas coisas práticas da elaboração do recurso didático.

Aos colegas do curso, companheiros, que compartilharam momentos especiais durante estes quase dois anos, também deixo o meu muito obrigado.

Finalmente agradeço a todos, sem exceção, que tornaram de alguma forma esta pesquisa possível, inclusive os estudiosos que foram referência neste trabalho.

“Trago a ancestralidade ecoando em meu avesso, um canto de identidade, um som de atabaque, um cerimonial com liberdade, a luz da divindade emociona minha humanidade.”

Eli Odara Theodoro

RESUMO

O tema desta pesquisa será religiosidades africanas, objetivando a construção de um material didático. Este terá como suporte um blog, construído com o intuito de facilitar a apreensão de saberes importantes, porém difíceis de serem abordados em sala de aula. A internet é uma ferramenta acessível atualmente e que circula de maneira bem fluída no espaço escolar, portanto, o uso desta é um facilitador no processo de aprendizagem. A ancestralidade e temáticas das religiosidades africanas devem ser abordadas, haja vista serem parte da cultura africana, da cosmogonia existente em África, da qual somos tributários.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidades africanas, ancestralidade, material didático, cosmogonia.

RÉSUMÉ

Le thème de cette recherche sera religiousness africaine, visant à construire un didacticiel. Cela aura pour soutien un blog, construit dans le but de faciliter la saisie des connaissances importantes, mais difficiles à traiter dans la salle de classe. L'Internet est un outil pratique et actuellement en circulation de manière bien fluide à l'école, de sorte que l'utilisation de c'est un facilitateur dans le processus d'apprentissage. L'ascendance et les thèmes de la religiosité africaine doivent être abordés, étant donné qu'ils font partie de la culture africaine, la cosmogonie en Afrique, qui sont tributaires existant.

MOTS-CLÉS: Religiosité africaine, ascendance, courseware, cosmogonie.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. RECURSO DIDÁTICO	14
INTRODUÇÃO	14
2.1– ECONOMIA: EXPLICAÇÃO E MANIPULAÇÃO ATRAVÉS DO MUNDO INVISÍVEL	17
2.2 - RELIGIOSIDADES AFRICANAS E A ÁREA DA SAÚDE	18
2.3 – O PODER POLÍTICO E RELIGIOSIDADES AFRICANAS	19
CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21
GLOSSÁRIO.....	22
ANEXOS.....	23
3 - PORTFÓLIO.....	36
3.1 - REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS	39
3.2 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS	44
CONCLUSÕES	48

1. APRESENTAÇÃO

O tema deste recurso didático, pensado a partir da necessidade de apresentar um trabalho de conclusão de curso (TCC), para finalização do curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em História da África, são as religiosidades presentes em algumas regiões do continente africano, como Benin, Nigéria. Camarões e savanas, ao sul do Saara. A escolha do tema decorreu do somatório de fatores pessoais e docentes.

A questão pessoal está relacionada com as interações sociais que tenho experienciado com as religiões de matriz africana, religiosidade muito presente na minha família e professada por pessoas muito próximas. A relação de proximidade entre o mundo espiritual e terreno, justificando e explicando todas as coisas e situações, era uma indagação constante. Além disto, as discrepâncias existentes entre as práticas do cristianismo, na qual fui educada, e das religiões de matrizes africanas, me causavam muita estranheza. Mesmo considerando minha disponibilidade para procurar entendimento e empatia com o novo, no que tange ao meu universo familiar e afetivo, sentia grande dificuldade de compreensão. Os ritos, incorporações e comunicação constante com o mundo dos mortos eram difíceis de assimilar, assim procurei buscar conhecimento sobre o tema, a fim de melhorar a convivência em família.

A história da África é um tema bem complexo para a comunidade escolar, devido ao racismo estruturante e às ideologias que permearam todas as organizações sociais, políticas e econômicas, durante séculos. As religiosidades africanas carregam uma rejeição maior, porque abarcam, além destas complexidades, uma satanização por parte de algumas tendências religiosas de origem cristã.

O assunto, contudo, tem que fazer parte do conhecimento articulado em salas de aula, já que a África e suas especificidades são parte da formação do povo brasileiro, parte do que somos. Tal conhecimento precisa ser compartilhado de forma consciente e crítica, a fim de desconstruir os estereótipos, que prejudicam a compreensão do outro, dentro e fora do espaço escolar.

A educação, segundo Henriques (2002), é um fator de mobilidade no Brasil, mas reproduz desigualdades históricas, representando um papel antagônico ao que se espera. Imprescindível é ter recursos para transmitir ensinamentos sobre os temas, que abarcam inclusão.

Dois estudiosos sobre a temática da História da África e sua abordagem em salas de aulas serão usados para analisar os aspectos didáticos deste trabalho.

Oliva (2003), para pensar o material didático usado de maneira crítica e consciente, na elaboração do fazer docente. O autor faz um estudo de livros didáticos, tendo como recorte o ensino de História da África, devido a Lei 10639/03. Este discorre sobre a falta de formação dos professores, como os saberes sobre o continente africano foi construído, as teorias racistas e inferiorizantes, e como tal fato gestou o racismo estruturante no Brasil. Principalmente como estes fatos refletem na construção dos livros didáticos. Estes aspectos são importantes neste trabalho, já que se trata da elaboração de um recurso didático.

O segundo especialista será Henriques (2002), que trata dos problemas das comunidades escolares, no tangente às minorias políticas ali presentes. A inclusão no espaço escolar e uso crítico dos materiais didáticos, apontados por estes estudiosos, são basilares neste trabalho.

Para alicerçar os aspectos teóricos deste estudo serão usados, Opoku (2010), Bastide (1967) e Appiah (1997). Opoku faz uma análise das religiosidades autóctones e suas interações com as culturas dos colonizadores. O autor discorre sobre a importância destas religiosidades para o entendimento da natureza, do cotidiano, das relações sociais, para além do sobrenatural. Este aponta que o objetivo dos colonizadores era destruir a cultura africana, porém as práticas religiosas continuaram a existir em várias sociedades africanas.

Bastide objetiva remontar os fundamentos psicológicos das religiões africanas, sem tentar definir as mesmas, mas, nas palavras do próprio autor, “convertendo-me”. A partir disto ele pretende definir as estruturas das civilizações, africana e ocidental, suas oposições e particularidades.

O filósofo Appiah ajuda a pensar a religiosidade autóctone e a modernidade, apontando a semelhança maior entre as religiosidades africanas e as ciências modernas, do que com as religiões modernas. Estes estudiosos serão referências para as questões gerais, no que toca ao tema deste estudo.

As especificidades da temática serão colocadas a partir dos textos dos autores, Leite (2008), Geschiere (2006) e Hampaté Bâ (2010).

O texto de Fábio Leite pontua as estruturas e dinâmicas de três sociedades africanas, a saber, Ioruba, Agni e Senufo, nas suas dimensões ancestrais e realidades históricas. O autor examina os elementos vitais, a saber, o corpo, o duplo, o nome e o princípio vital da imortalidade, que constituem o ser humano durante a sua vida e o destino deste após sua morte. A manipulação da vida e morte pela ritualização, que capacita e conduz o homem para condição ancestral.

Geschiere traz em seu texto os fundamentos dos estudos de feitiçaria vinculados às mudanças modernas, em África, mais especificamente na região de Camarões. A fluidez que os dois termos, feitiçaria e modernidade, carregam em si e exemplificando como acontece na *práxis* estes vínculos.

Hampaté Bâ, por sua vez, fala sobre o valor da oralidade, presente no continente africano, praticado especialmente pelos doma e griots, os ofícios e seus aspectos sagrados, usando como recorte espacial a região ao sul do Saara, antiga Bafur. O autor discorre, também, sobre o desafio dos pesquisadores ao falar sobre estes aspectos em África, a necessidade de manter-se na escuta e renunciar “ao hábito de julgar tudo segundo seus critérios”. (HAMPATÉ BÂ, 2010, 212).

As questões específicas sobre as religiosidades ancestrais, manipulação do invisível e diálogos entre o mundo material e o espiritual, serão expostos a partir destes pesquisadores.

As referências citadas serão acrescidas pelos conhecimentos gestados e adquiridos em sala de aula, ao decorrer do curso de pós-graduação em História da África. Tais conhecimentos possibilitaram a formação e transformação do que estava posto com relação ao assunto, ampliando em questão de qualidade e quantidade o entendimento de várias temáticas sobre o continente.

O suporte escolhido para veicular à temática será a confecção de um blog, com intuito de atualizar os alunos sobre as religiosidades africanas. A internet é uma ferramenta muito eficaz, no tangente, à fomentação da participação dos alunos no processo de aprendizagem. O meio virtual é uma realidade que não pode ser ignorada, e sim aproveitada da melhor maneira, a fim de tornar aprazível e instigante o processo educacional.

Para criação do blog será utilizado um site gratuito, assim como as imagens expostas nele, serão de domínio público, uma vez que a intenção, também, é mostrar ações pedagógicas, ao alcance de todos em vários aspectos, inclusive financeiro. O blog será confeccionado de forma bem objetiva, com postagens que inspire a busca de conhecimento sobre o assunto, procurando a praticidade de acesso e clareza de conteúdo.

A busca por imagens gratuitas sobre a temática, religiosidades africanas, se mostrou muito árida, pois ao digitar qualquer palavra referente à África, nos sites de busca, imediatamente aparecem várias imagens de animais, paisagens e gente em situação de infortúnio. Tal situação mostrou como são imperiosas as ações em prol da divulgação, pautada na análise crítica, das abordagens com temas relacionados ao

continente africano. Ampliar a visão de mundo dos alunos, no que tange à diversidade da África de maneira positiva, também faz parte do objetivo deste trabalho.

As postagens serão organizadas para atingir aos discentes, que estão cursando os anos finais do ensino fundamental ao médio, pois minha formação é direcionada para esta parte da educação e para o campo da História.

A ideia é ajudar os alunos na compreensão de outras dimensões do sagrado, tais como as religiosidades africanas, para além das referências cristãs. Intuindo a promoção da educação inclusiva e interativa, haja vista ter o blog uma vertente que incite aos visitantes á participação com opiniões sobre as postagens e contribuições para a melhoria das mesmas. Existe um objetivo, posteriormente, de divulgação nas redes sociais voltadas para a educação, a fim de ampliar o campo de abrangência deste recurso didático.

A utilização desta ferramenta em sala de aula vem de encontro com a realidade do mundo virtual presente no espaço escolar e a dificuldade de exposição do tema, contudo, há uma necessidade urgente em trazer o assunto de forma crítica e atraente para a escola. A temática africana, a realidade da herança religiosa presente na sociedade brasileira, não pode ser ignorada devido às dificuldades gestadas pelo racismo, estruturado socialmente, por séculos.

Esta ferramenta didática tem como foco a fomentação da educação inclusiva, a partir do respeito e compreensão das diversidades, neste caso, religiosa, presentes no ambiente escolar. Tendo como objetivo também a utilização de um recurso que circula fluidamente entre os membros das comunidades educacionais e possui grande potencial de utilização de maneira positiva.

O processo de desenvolvimento do recurso didático foi pensado a partir das leituras de pesquisas sobre o tema. Devido à abrangência do assunto, religiosidades africanas, foram necessários recortes, que recaíram sobre as interações da temática com algumas áreas relacionais da sociedade. Ainda assim, as heterogeneidades encontradas no continente africano abarcam as inúmeras sociedades que o habitam. O foco em alguns povos e algumas formas de religiosidades foi uma inevitabilidade.

Em seguida foram concebidos os textos, considerando as leituras, os recortes e o objetivo deste trabalho, a saber, a construção de um recurso didático. Esta parte do processo demandou muitas elaborações e recomposições, a fim de manter o propósito de elaborar um recurso didático, que não reproduzisse erros históricos referentes ao continente africano, como representá-lo somente com imagens de animais ou retratando pobreza.

Após chegar a um texto com as características buscadas no trabalho, o próximo passo foi à montagem do blog, suporte escolhido pelos motivos já citados. Esta parte foi tão operosa e prazerosa, quanto à elaboração do texto. A escolha de um site gratuito para a feitura do blog, a procura de imagens de domínio público, as disposições dos textos, entre outras questões, demandaram empenho e tempo. O fato de estarem os textos já prontos foi um facilitador neste momento.

O aprendizado deste processo todo foi imensurável, pois possibilitou uma abertura na forma de traduzir o fazer docente em ações afirmativas. A oportunidade de construção de uma ferramenta atrativa aos membros da comunidade escolar foi edificante. O tema é complexo e importante, portanto abordá-lo teve um grande e positivo significado e a confecção do recurso didático abriu um campo enorme de possibilidades nas minhas práticas docentes. Independentemente de qualquer circunstância políticas existente no país, os temas africanos e as relações raciais não podem ser negligenciados em sala de aula. A concepção de um recurso didático para atingir este objetivo foi uma aquisição de conhecimento, que proporcionou um sentimento pleno de cumprimento de dever e satisfação pessoal.

Outra parte da totalidade deste trabalho foi a escrita do portfólio, que proporcionou um olhar diferenciado nos vários momentos de minha vida, sendo este dividido em três partes. A princípio, mediante os conhecimentos e propostas do curso de História da África, foi pensada a minha trajetória escolar e suas resultantes, enquanto membro negro da comunidade educacional. Na segunda parte teve como objetivo pensar o ensino da História da África, depois de normatizada pela Lei 10.639/03, e a prática docente. As análises foram em torno das realidades nos ambientes escolares, a aplicabilidade da Lei, o fazer docente no sentido de proporcionar uma educação inclusiva. O último tópico foi uma proposta de intervenção em sala de aula, na qual fossem colocados em prática os conhecimentos, métodos e objetivos traçados, durante o curso.

A escrita de si é um exercício de catarse, uma inclinação sobre nossas individualidades e relacionamentos com o mundo ao redor. Esta ferramenta utilizada de uma forma mais livre foi fundamental para assimilar a importância da África e suas heranças, que dizem muito do que nós, brasileiros, somos. Fazendo um recorte voltado para as práticas docentes, uma vez que a educação é um espaço de mobilidade social e econômica, o que não tem acontecido de forma positiva para a população afrodescendente.

2. RECURSO DIDÁTICO

Introdução

O continente africano é composto por uma diversidade de aspectos políticos, econômicos e sociais, portanto, a ideia de existência de uma África unificada não condiz com a realidade. A conformação e extensão geográfica, as mais de duas mil línguas faladas no continente, os sistemas políticos diversos, garantem, entre outros fatores, esta pluralidade.

Para pensar a África, este estudo objetiva fazer uma análise, a partir de leituras de textos e pesquisas realizadas tratando de religiosidades de algumas sociedades presentes no continente. A religiosidade africana está inerentemente ligada ao modo de estar no mundo dos indivíduos em África. As intervenções europeias no continente africano deixaram marcas no mesmo, assim como suas culturas permeiam outros espaços, resultante da diáspora forçada e escravização de indivíduos. Pensando o Brasil, que recebeu uma grande quantidade de indivíduos escravizados vindos do continente, as religiões de matrizes africanas abarcam muito da cosmogonia africana, dos ritos e das crenças oriundas daquele continente. Muitos destes escravizados, que chegaram ao Brasil, eram habitantes das regiões de Benim, Nigéria e outras partes da África, assim estas religiões afrodescendente são tributárias das religiosidades existentes naquelas localidades.

“As civilizações africanas são civilizações simbólicas, nas quais os mortos e os vivos constituem uma mesma comunidade e a morte não é considerada senão uma passagem para um estágio superior; assim, o ancestral poderá voltar ao mundo dos vivos, reencarnando-se no seu bisneto.” (BASTIDE, 1967, 9).

Os africanos estruturam o poder junto ao sagrado, pois este está entranhado em seu cotidiano. “A religião africana tradicional estava (e está) inextricavelmente ligada à cultura africana. Era uma realidade presente em todos os setores...”, (OPOKU, 2010, 591). O ser supremo é essencialmente espírito, tem poder de recompensar ou castigar os indivíduos. Têm supremacia sobre a vida e a morte, não possuindo representação material. O ser supremo não se assemelha à sua criação, o homem, lhe sendo totalmente superior. Os espíritos dos ancestrais e outras deidades se encontram abaixo do ser supremo e promovem um diálogo entre o mundo visível e o invisível. A religião na África é qualquer interação entre estes dois mundos. (OPOKU, 2010).

As práticas religiosas em muitas sociedades na África estão em constantes transformações. Não há dogmas, coisas fixas e as ações religiosas são bem flexíveis. A

religião africana ancestral não é estática, como é pensada e sim, possui uma dinâmica própria.

Mas a situação não era estática, já que de geração em geração ocorriam mudanças, e cada uma delas acrescentava sua parte de experiência a herança religiosa e cultural. Não havia deus ciumento que proibisse a aceitação ou o acréscimo de novos deuses e novas crenças [...] (OPOKU, 2010, 593).

Outros poderes místicos, a saber, a feitiçaria, magia, bruxaria, amuletos e talismãs completam a hierarquia espiritual, usadas para proteger ou punir os indivíduos. A ordem da natureza é sempre respeitada, as decisões sociais e culturais são tomadas coadunando com a mesma.

A morte não é o fim, mas uma passagem para outra dimensão, possibilitando uma interação para ajudas mútuas e retornos. O indivíduo após a morte volta através da reencarnação ou se torna um ancestral em uma comunidade. O homem é durante a vida neste mundo, um pré-ancestral e após a sua morte, ancestral, somando os dois períodos temos o indivíduo em sua totalidade. (LEITE, 2008).

Os ritos de passagem e iniciação marcam as transições, as quais as pessoas passam durante a vida, tais como o acesso para a vida adulta, casamentos, etc. Estes ritos também preparam o homem para a ancestralidade. As construções dos sujeitos são feitas através dos ritos de passagens. Os mundos dos vivos e dos mortos constituem uma comunidade, que mantêm uma comunicação contínua. (OPOKU, 2010)

Os componentes vitais para manutenção do indivíduo são o corpo, o duplo e o princípio vital da imortalidade. O corpo é o elemento vital, que representa o homem visivelmente. Após a morte, esse elemento se decompõe e reintegra aos elementos presentes na terra. Como existem algumas práticas de reconstrução do corpo do indivíduo morto, através de confecção de estatuetas, sugere continuidade do corpo após a morte. O duplo é o sopro configurador de vida em um corpo. Tem origem divina, portanto, é inextinguível, contudo é manipulável. Os manipuladores de duplos são os feiticeiros e mágicos, os contextos sociais que cada um desempenha na sociedade indicam, quais são seus papéis. Segundo, Leite (2008), os primeiros manipulam os sopros vitais alheios em proveito próprio e os mágicos o fazem para proteger a comunidade, em contraposição aos feiticeiros.

O princípio vital da imortalidade define as características morais e pessoais do homem, indicando sua sorte. Este princípio garante a imortalidade pela ancestralidade ou pela reencarnação. “Esse princípio estabelece também a instância ontológica do ser

humano mais capaz de torná-lo essencialmente histórico e atribuir-lhe, ao fim da existência visível, a condição ancestral.” (LEITE, 2008, 58).

As religiosidades africanas para os povos em África, portanto, é questão cultural. Permeiam as relações sociais, norteiam o destino dos indivíduos e continuam determinando suas relações com o mundo visível e invisível. Os ritos de passagem, os diálogos entre os mundos dos vivos e dos mortos, as manipulações de princípios vitais, como já indicados, estão presentes nas diversas áreas das organizações sociais, político e econômicas.

. Os colonizadores europeus tinham a intenção de impor sua cultura aos povos em África, segundo Opoku.

A instauração do domínio colonial europeu na África não se resumiu a imposição forçada do poder político, econômico e social. Foi também uma imposição cultural, e utilizou a cultura para dar apoio às superestruturas políticas, econômicas e sociais representadas pelo colonialismo. (OPOKU, 2010, 591)

Os resultados destas intervenções foram significativos para os povos africanos, porém houve muitas apropriações e ressignificações, não rupturas com os valores culturais destas comunidades. As religiosidades africanas, no entanto, permanecem promovendo o entendimento do mundo moderno, atualizando os meios de se relacionar com estes entendimentos.

As religiosidades, assim como a oralidade, criaram certas particularidades nos indivíduos africanos. Uma interação participativa com o mundo em sua totalidade, este diálogo entre a vida material e a espiritual mantêm estas dimensões da existência unidas. Na visão de mundo de determinadas religiosidades africanas tudo se liga e interage, o homem consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Esta união e diálogo são ritualizados e pode mudar de região para região. (HAMPATÉ BÂ, 2010).

As sociedades tratadas neste estudo são as Iorubas, Agni, Senufo (LEITE, 2008), comunidades em Camarões (GESCHIERE, 2006), povos das savanas, ao sul do Saara (HAMPATE BÂ, 2010), o que não impossibilita a análises de outras comunidades. A partir destes pressupostos, contudo, não é possível generalizar As sociedades tratadas neste estudo são as Iorubas, Agni, Senufo (LEITE, 2008), comunidades em Camarões (GESCHIERE, 2006), povos das savanas, ao sul do Saara (HAMPATE BÂ, 2010), o que não impossibilita a análises de outras comunidades. A partir destes pressupostos, contudo, não é possível generalizar conclusões que tornem homogêneas atribuições analíticas aos inúmeros povos habitantes do continente.

Considerando as análises acima, a partir de agora serão vistos as interações das religiosidades autóctones com as áreas econômicas, da saúde e políticas, das sociedades africanas alvo deste trabalho.

2.1– Economia: explicação e manipulação através do mundo invisível

Como analisa o filósofo K. Anthony Appiah (1997), as religiosidades africanas têm relações com as ciências modernas, pois possuem objetivos comuns, tais como, explicar as coisas, prever e controlar dos fenômenos sociais e suas resultantes. As questões econômicas são analisadas e tratadas sob estas perspectivas, através da manipulação de energias vitais.

A feitiçaria e magia são ferramentas para manipulação das forças invisíveis, no que tange também as questões econômicas engendradas pelas mudanças globais, pós-colonização. Para explicar como acontecem estas práticas, veremos especificamente as que se dão na região de Camarões.

Na pós-independência dos países no continente africano a feitiçaria era considerada uma prática retrógrada, contudo exercitada. Com a proibição e perseguição destas práticas religiosas africanas, em certas partes da África, no período da colonização, os indivíduos, de forma pública ou não, continuavam suas atividades junto ao sagrado. Atualmente as práticas de feitiçarias são efetuadas de forma aberta, pelas diversas camadas sociais. As mudanças do capitalismo e suas resultantes vêm sendo explicadas pela feitiçaria. Geschiere (2006).

As práticas anteriores sofreram algumas adaptações, no intuito de explicar algumas peculiaridades das mudanças advindas com a colonização e do mundo capitalista, conforme exemplifica Geschiere.

Mas mesmo que a noção de dívida não seja estranha ao discurso da feitiçaria, ela assume de fato novos aspectos quando ligada ao *famla* e aos novos bens de consumo — ou seja, com a nova economia de mercado em geral. Evidentemente tais elementos — como, por exemplo, a idéia básica no *famla* e no *ekong* de um controle oculto sobre a força de trabalho de outros — estão muito bem adequados à lógica capitalista. (GESCHIERE, 2006, 27).

O parentesco é uma continuidade encontrada no manejo das energias vitais, fazendo parte das feitiçarias atuais e organizam as relações sociais. As linhagens no continente africano são bastante importantes, constituem as relações sociais, político e econômicas.

“Mesmo essa nova forma de feitiçaria da riqueza se acredita que vem sempre “de dentro” — isto é, de dentro da família. Essa ênfase continuada na família parece o oposto da ordem moderna, dominada pelo mercado. No entanto, a sentença central do discurso do *ekong*, a noção de que você tem de “vender” seu próprio parente, já mostra quão facilmente parentesco e mercado podem se mesclar.” (GESCHIERE, 2006, 27).

As organizações econômicas modernas são explicadas pelas práticas de feitiçaria e estas últimas continuam a existir. As manipulações do mundo invisível não carregam em si o bem e o mal, mas como é utilizada que é bom ou ruim.

Hampaté Bâ (2010), em seus estudos sobre a tradição viva no continente mostra como alguns ofícios estão interligados ao sagrado. Os ofícios tradicionais são passados de geração para geração, de acordo com as aptidões naturais dos indivíduos. O aprendizado nunca termina, porém, após os 42 anos podem exercer suas funções. Para não haver divulgação das práticas secretas da ritualização dos ofícios, são incentivados os casamentos endogâmicos, ocasionando a formação de castas. Os artesãos têm uma condição de nobreza dentro destas sociedades, sendo o ofício de ferreiro o melhor conceituado, porque sabe o segredo das transmutações pelo fogo.

Assim, o artesão tradicional, imitando *Maa Ngala*, “repetindo” com seus gestos a criação primordial, realizava não um “trabalho” no sentido puramente econômico da palavra, mas uma função sagrada que empregava as forças fundamentais da vida e em que se aplicava todo o seu ser. Na intimidade da oficina ou da forja, participava do mistério renovado da criação eterna. (HAMPATÉ BÂ, 2010, 188).

Como podemos ver, as questões econômicas e do mundo do trabalho, nas sociedades pesquisadas pelos autores citados, existem sempre uma comunhão entre o mundo material, as práticas econômicas, com as forças do mundo invisível.

2.2 - Religiosidades africanas e a área da saúde

A compreensão das religiosidades ancestrais operando na vida de determinadas sociedades em África abarca também o campo da saúde. A organização social, seus ritos e estruturas perpassam as relações ancestrais, a manipulação do invisível a favor de curas

Os conjuntos de coisas materiais e espirituais conformam o indivíduo, de forças que formam e transformam o homem continuamente. Estas forças devem ser cultuadas, a fim de garantir seu bem estar, proteção e cura.

Esta interação contínua entre os espaços pré e pós-ancestral permite ao africano utilizar-se, sem maiores problemas, dos curandeiros e da medicina ocidental, no

tangente aos problemas de saúde. As doenças do corpo têm origem social, causando desordens espirituais e físicas, portanto, são necessários cuidados, que garantam sucesso na eliminação do problema. (GESCHIERE,2006)..

No Mali, por exemplo, diz Hampaté Bâ, sobre os curandeiros.

Os curandeiros (que curam por meio de plantas ou pelo “dom da fala”) podem pertencer a qualquer classe ou grupo étnico. Normalmente eles são *Doma*. Cada povo possui como herança dons particulares, transmitidos de geração a geração através da iniciação. Assim, os Dogon do Mali têm a reputação de conhecer o segredo da lepra, que sabem curar muito rapidamente sem deixar uma única marca, e o segredo da cura da tuberculose. Além disso, são excelentes “restauradores”, pois conseguem recolocar os ossos quebrados, mesmo em caso de fraturas graves. (HAMPATÉ BÂ, 2010, 190).

A manipulação das forças vitais tem por objetivo a solução das diversas questões, que perpassam o mundo material e espiritual, através dos rituais de cura, adivinhação, transes, feitas por pessoas com conhecimento específico nesta área. Na procura pela cura dos males são usados objetos de poder, rituais, oferendas, a fim de promover o equilíbrio entre os mundos e a erradicação das doenças. (GESCHIERE, 2006).

A saúde e os processos de cura referentes à parte das sociedades africanas, no caso mais específico de alguns lugares da África ocidental, Camarões, Sul do Saara ocorrem segundo suas crenças e vivências junto ao sagrado. Não impedindo a busca pelas soluções da medicina conjuntamente com as ajudas espirituais, que constituem suas culturas.

A cura através da manipulação do sobrenatural conversa de forma harmônica com práticas ditas modernas, haja vista estas sociedades acreditarem na necessidade da movimentação das forças vitais. As forças ocultas não estão em lugar inatingível, mas participam de forma positiva ou não, do seu dia-a-dia.

2.3 – O poder político e religiosidades africanas

O entendimento do poder exercido pelos indivíduos em algumas localidades no continente, precisa ser entendido a partir da religiosidade. As chefias locais e as religiosidades africanas exercem entre si papéis de complementaridade.

“ [...] nos estados africanos tradicionais, entre o Chefe e o Povo, tendo aquele necessidade deste para assegurar, graças a seu maná, a boa marcha da natureza - como, graças à redistribuição dos bens que controla, ele assegura a democratização das relações sociais.” (BASTIDE, 1967, 14).

As velhas elites sobreviveram à colonização e criaram novas categorias sociais, inclusive a nova elite, constituída muitas vezes por filhos das elites locais. Inicialmente, após independência, a adoção de formas de poder trazidas pelos colonizadores, criou-se a visão de primitivismo, em relação às religiosidades africanas. As práticas religiosas, entretanto, nunca foram deixadas de lado, como já foi dito (OPOKU, 2010).

O poder é estruturado junto ao sagrado, este e o profano são características basilares para assumir o poder. As decisões são tomadas após consulta aos ancestrais, que estão a proteger a comunidade.

As formas de poder são diversas em África, assim como outros aspectos no continente marcado pela pluralidade. Os governos estabelecidos, no pós-independência, mantiveram uma convivência com as chefias locais e suas práticas religiosas, que passaram a ser aceitas de forma oficial.

Segundo Geschiere (2006, 23), em determinadas sociedades camaronesas, no que diz respeito às feitiçarias ou mágicas, quem valida ou não estas práticas é o chefe (Fon). Dessa forma, se “credita ao fon a autoridade moral para neutralizar os poderes perigosos dos novos ricos e assim coligar os temores acerca da proliferação de novas ameaças de feitiçaria”.

O poder e ancestralidade estão intimamente ligados, haja vista serem as religiosidades ancestrais fonte de explicação e controle das energias que habitam o mundo visível e o invisível. A convivência entre as novas formas de organização política e as elites locais muitas vezes perpassam pela mediação religiosa.

Hampaté Bâ cita alguns problemas entre o poder empossado após independência de países africanos.

O drama todo do que chamarei de “África de base” é o de ser frequentemente governada por uma minoria intelectual que não a compreende mais, através de princípios incompatíveis com a sua realidade. (HAMPATÈ BÂ, 2010, 210).

A cultura africana continua, em que pese às interações e ressignificações, mantendo de muitas maneiras suas bases na vivência do sagrado, inclusive na área política.

Conclusão

“A religião africana tradicional não apenas era onipresente, mas também unia os homens aos poderes invisíveis, ajudando-os a estabelecer relações justas com as potências extra-humanas e com seus semelhantes. A religião era o amálgama que dava as sociedades humanas solidez, estabilidade e coesão. Além disso, ajudava os homens a compreender e dominar os acontecimentos, a se libertar de

suas dúvidas, angústias e sentimentos de culpa.” (OPOKU, 2010, 593).

Opoku traduz acertadamente o papel exercido por determinadas religiosidades africanas no continente, suas abrangências e utilidades. A política, a saúde, a economia, entre outras estruturas sociais estão interligadas pelo sagrado. O indivíduo é compreendido na sua forma pré-ancestral, durante sua vida material, período em que se prepara para vida espiritual, ou seja, para a ancestralidade.

A magia segundo os bambaras e peul, povos das savanas, tem como objetivo restaurar o equilíbrio, restabelecendo a harmonia, que tenha sido quebrada entre o mundo visível e o invisível, pois esta é a missão dada ao homem pelo criador. (HAMPATÉ BÂ, 2010).

As conexões entre estes mundos são estabelecidas por práticas milenares, que vão se adaptando segundo suas realidades locais, portanto, possuem mobilidades. Os agentes com conhecimentos específicos articulam estas interações, que podem causar fortunas, proteção, curas e infortúnios.

A ancestralidade, manipulação da realidade, das forças vitais fazem parte da cosmogonia de alguns povos em África, assim como as interações com outras religiosidades, acabaram por criar novas formas de religiosidades.

A cultura religiosa ancestral continua presente em parte do continente, como disse Hampaté Bâ, porque constitui na especificidade do africano e molda suas relações político, econômicas e sócio-culturais.

Referências Bibliográficas

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Trad. Vera Ribeiro. Revisão de Trad. Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BASTIDE, Roger. **Religiões africanas e estruturas de civilização**. Conferência pronunciada durante oII Congresso Internacional de africanistas realizado em Datar, em dezembro de 1967.

GESCHIERE, Peter. **Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade**. Tradução: Fábio Baqueiro Figueiredo. *Politique Africaine*, 79 (2000), pp. 17-33, edição especial de Pouvoirs sorciers, editada por Florence Bernalt e Joseph Tonda. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia34_pp9_38_Geschiere.pdf

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva. In. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo.– 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p. Capítulo 8, pág. 167-212.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação.** Brasília: UNESCO, 2002, 100 p.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra.** São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2008.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática.** Estudos Afro-asiáticos. Ano 25, nº. 3, 2003, pp. 421-461.

OPOKU, Kofi Asare. **A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935** / editado por Albert Adu Boahen. – 2. ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. Capítulo 20, pág. 591-624.

Glossário

Ancestral - Relacionado aos antepassados, às pessoas de quem se descende; familiar mais antigo.

Cosmogonia - Cada povo tem seu mito fundador sobre a origem do mundo, cada cultura conta a sua história, suas lendas, seus mitos. Princípios religiosos, míticos ou científicos, que tentam explicar a origem do universo e influenciam a nossa visão de mundo.

Diáspora - Dispersão forçada de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa, étnica, como no caso da escravização africana.

Dogmas - É uma palavra de origem grega e significa “o que se pensa é verdade”. Fundamentos da religião, que se ligava a crenças e regras.

Ekong – É uma nova forma de feitiçaria própria dos centros urbanos e com objetivos bem específicos.

Inextricavelmente – Qualidade daquilo que não se separa.

Maná - Alimento, sustento (moral).

Onipresente - Que está presente em todos os lugares, em todas as partes.

Oralidade – Feito ou dito de viva voz. Transmitido de boca em boca.

Profano - Que é estranho, que não pertence à religião.

Reencarnação - Crença de que, após a morte, a alma de um ser humano retorna à vida com outro corpo.

Religião: “Do latim *religio*, que significa “louvor e reverência aos deuses”. Os etimologistas discutem bastante a respeito sobre a real origem etimológica da palavra “religião”. No entanto, muitos acreditam que tenha surgido a partir da junção do prefixo *re*, funciona como um intensificador da palavra que o sucede, neste caso *ligare*, significa “unir” ou “atar”. Assim, *religare* teria o sentido de “ligar novamente”, “voltar a ligar” ou “religar”. Atualmente, o conceito de religião é definido como sendo um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.”¹. Em África tudo está na esfera do sagrado, não havendo necessidade desta religação com o mesmo, tornando o temo religiosidade mais apropriado.

Ritos - No sentido mais geral é uma sucessão de palavras e atos que, repetida, compõe uma cerimônia (religiosa ou civil). Apesar de seguir um padrão, o rito não é mecanizado, pois pode atualizar um mito, mantendo ensinamentos ancestrais e sagrados.

Tradicional (Tradição): A palavra tradição é mais dinâmica do que parece à primeira vista. Traditio, em latim, é a ação de entregar, de transmitir algo a alguém, de confiar algo valioso a outra pessoa. Uma pessoa tradicional é aquela que recebeu (e precisar transmitir depois) um conhecimento, uma herança ou uma responsabilidade do passado.² As tradições são reelaboradas, não são engessadas.

Anexos

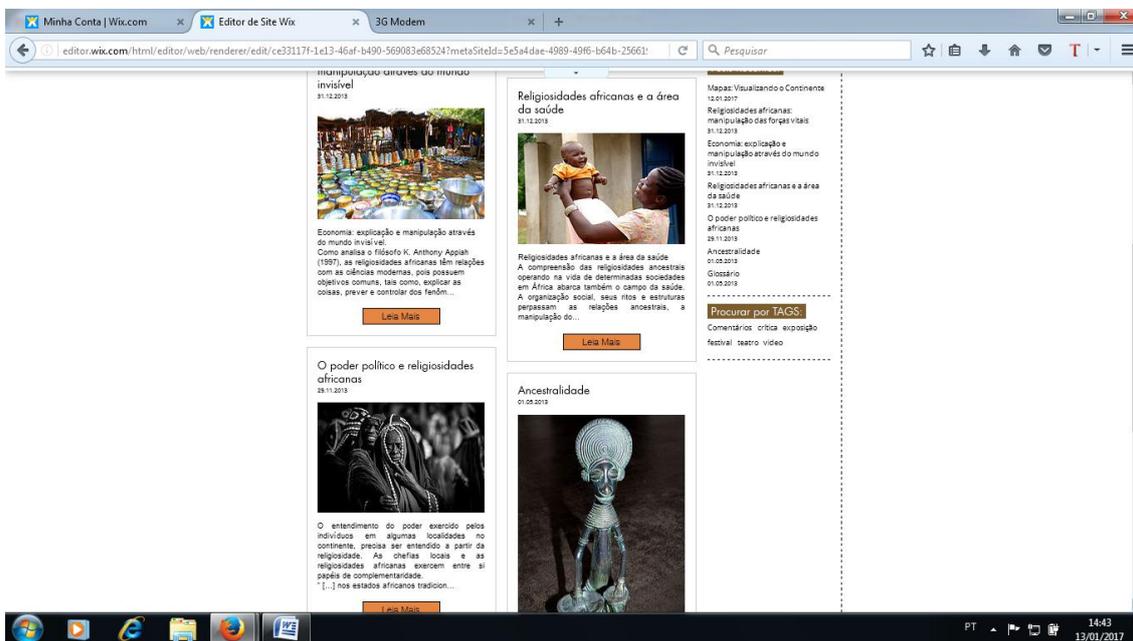
Imagens blog: <http://shirleysoliv.wixsite.com/sagradoemafrika>

¹ -Disponível em <http://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>

² - Disponível em <http://www.dicionarioetimologico.com.br/tradicao/>

Visualizações do blog: Religiosidades Africanas.

Imagens 1,2,3 – Gerais



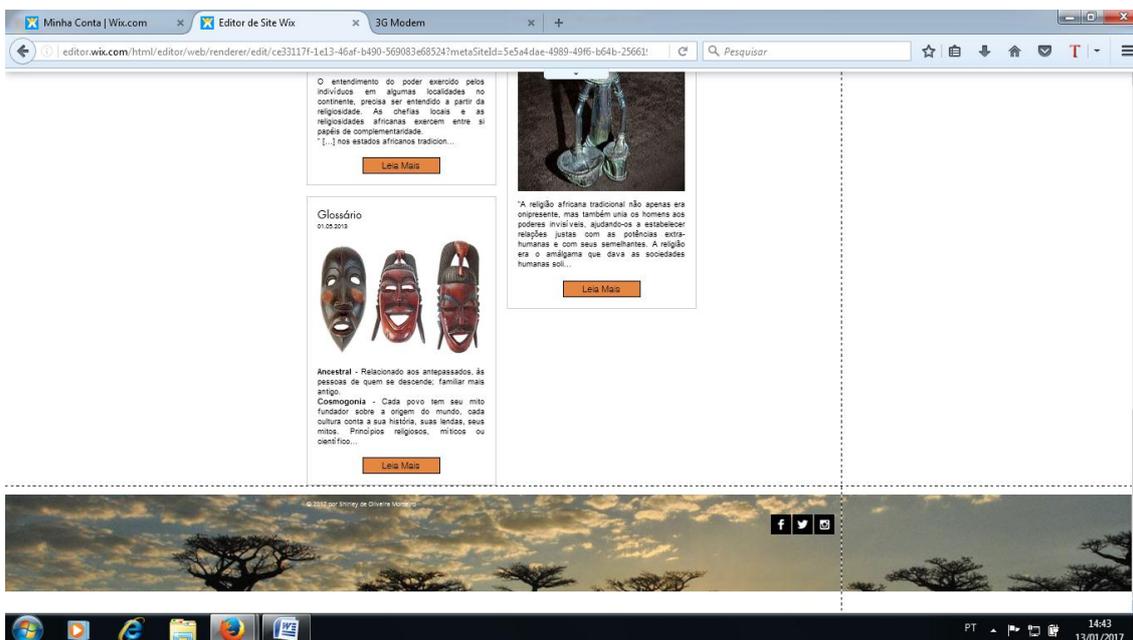


Imagem 4 - SOBRE



Imagens 5,6,7,8 – Post: Religiosidades africanas: manipulações das forças vitais

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wik x Religiosidades africanas: m... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais
21.12.2013



Ancestralidade:
Em África as religiosidades autóctones são o paradigma que direciona as relações entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre dialogando. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, pós-morte. A religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Posts Recentes:
Mocimbo: Visitando o Continente 12.01.2017
Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais 21.12.2013
Económica aplicada à...

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

PT 14:51 13/01/2017

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wik x Religiosidades africanas: m... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Para pensar a África, este estudo objetiva fazer uma análise, a partir de leituras de textos e pesquisas realizadas tratando de religiosidades de algumas sociedades presentes no continente. A religiosidade africana está intrinsecamente ligada ao modo de estar no mundo dos indivíduos em África. As intervenções europeias no continente africano deixaram marcas no mesmo, assim como suas culturas permeiam outros espaços, resultante da diáspora forçada e escravização de indivíduos.

Resendo o Brasil, que recebeu uma grande quantidade de indivíduos escravizados vindos do continente, as religiões de matriz africana abarcam muito da cosmogonia africana, dos ritos e das crenças oriundas desses continentes. Muitos desses escravizados, que chegaram ao Brasil, eram habitantes das regiões de Benim, Nigéria e outras partes da África, assim estas religiões afrodescendentes são tributárias das religiosidades existentes naquelas localidades.

“As civilizações africanas são civilizações simbólicas, nas quais os mortos e os vivos constituem uma mesma comunidade e a morte não é considerada senão uma passagem para um estágio superior; assim, o ancestral poderá voltar ao mundo dos vivos, reencontrando-se no seu bisneto.” (BASTIDE, 1967, p).

Os africanos estruturam o poder, junto ao sagrado, pois este está entranhado em seu cotidiano. “A religião africana tradicional estava (e está) intrinsecamente ligada à cultura africana. Era uma realidade presente em todos os setores...” (DPOKU, 2010, 591). O ser supremo é essencialmente espiritual, tem poder de recompensar ou castigar os indivíduos. Tem supremacia sobre a vida e a morte, não possuindo representação material. O ser supremo não se assemelha à sua criação, o homem, lhe sendo totalmente superior. Os espíritos dos ancestrais e outras entidades se encontram abaixo do ser supremo e promovem um diálogo entre o mundo visível e o invisível. A religião na África é qualquer interação entre estes dois mundos. (DPOKU, 2010).

As práticas religiosas em muitas sociedades na África estão em constantes transformações. Não há dogmas, coisas fixas e as ações religiosas são bem flexíveis. A religião africana ancestral não é estática, como é pensada e em possui uma dinâmica própria.

Mas a situação não era estática, já que de geração em geração ocorriam mudanças, e cada uma delas acrescentava sua parte de experiência à herança religiosa e cultural. Não havia diáspora cunhada que proibisse a adoção ou o azeite de novos deuses e novas crenças [...] (DPOKU, 2010, 593).

Outros poderes míticos, a saber, a feitiçaria, magia, bruxaria, amuletos e talismãs completam a hierarquia espiritual, usadas para proteger ou punir os indivíduos. A ordem da natureza é sempre respeitada, as decisões sociais e culturais são tomadas cada um de forma mesma.

A morte não é o fim, mas uma passagem para outra dimensão, possibilitando uma interação para ajudar mútuas e retornos. O indivíduo após a morte volta através da reencarnação ou se torna um ancestral em uma comunidade. O homem é durante a vida neste mundo, um pré-ancestral e após a sua morte, ancestral, somando de dois períodos temos o indivíduo em sua totalidade. (LEITE, 2008).

Os ritos de passagem e iniciação marcam as transições, as quais as pessoas passam durante a vida, tais como o acesso para a vida adulta, casamentos, etc. Estes ritos também preparam o homem para a ancestralidade. As construções dos sujeitos são feitas através dos ritos de passagem. Os mundos dos vivos e dos mortos constituem uma comunidade, que mantêm uma comunicação contínua. (DPOKU, 2010).

Os componentes vitais para manutenção do indivíduo são o corpo, o duplo e o princípio vital de imortalidade. O corpo é o elemento vital, que representa o homem visivelmente. Após a morte, esse elemento se decompõe e reintegra aos elementos presentes na terra. Como existem algumas práticas de reconstrução do corpo do indivíduo morto, através de congélio de astúrias, sugere continuidade do corpo após a morte.

O duplo é o sopro configurador de vida em um corpo. Tem origem divina, portanto, é inextinguível, sendo que...

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

PT 14:52 13/01/2017

corpo após a morte.

O duplo é o sopro configurador de vida em um corpo. Tem origem divina, portanto, é inextinguível, contudo é manipulável. Os manipuladores de duplos são os feiticeiros e magãos; os contextos sociais que cada um desempenha na sociedade indicam, quais são seus papéis. Segundo, Leite (2008), os primeiros manipulam os sopros vivos alheios em proveito próprio e os magãos o fazem para proteger a comunidade, em contraposição aos feiticeiros.

O princípio vital da imortalidade define as características morais e passais do homem, indicando sua sorte. Esse princípio garante a imortalidade pelo ancestralidade ou pela reencarnação. Esse princípio estabelece também a instância ontológica do ser humano mais capaz de torná-lo essencialmente histórico e atribuí-lo, ao fim da existência visível, a condição ancestral. (LEITE, 2008, 58).

As religiosidades africanas para os povos em África, portanto, é questão cultural. Permitem as relações sociais, nozarem coletivo dos indivíduos e continuam determinando suas relações com o mundo visível e invisível. Os ritos de passagem os diálogos entre os mundos dos vivos e dos mortos, as manipulações de princípios vitais, como já indicados, estão presentes nas diversas áreas das organizações sociais, político e econômicas.

Os colonizadores europeus tinham a intenção de impor sua cultura aos povos em África, segundo Orokú. "A instauração do domínio colonial europeu na África não se resumiu a imposição forçada do poder político, econômico e social. Foi também uma imposição cultural, e utilizou a cultura para dar apoio às superestruturas políticas, econômicas e sociais representadas pelo colonialismo". (OROKU, 2010, 391).

Os resultados dessas intervenções foram significativos para os povos africanos, porém houve muitas apropriações e ressignificações, não rupturas com os valores culturais dessas comunidades. As religiosidades africanas, no entanto, permanecem promovendo o entendimento do mundo moderno, atualizando-o de modo de se relacionar com esses entendimentos.

As religiosidades, assim como a oralidade, criaram certas particularidades nos indivíduos africanos. Uma interação participativa com o mundo em sua totalidade, este diálogo entre a vida material e a espiritual mantém estas dimensões da existência unidas. Na visão de mundo de determinadas religiosidades africanas tudo se liga e interage, o homem consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Este união e diálogo são ritualizados e pode mudar de região para região. (HAMMATE BÂ, 2010).

As sociedades tratadas neste estudo são as lorubas, Agni, Senufo (LEITE, 2008); comunidades em Camarões (GESCHIERE, 2006), povos das savanas, ao sul do Saara (HAMMATE BÂ, 2010), o que não impossibilita a análise de outras comunidades. A partir destes pressupostos, contudo, não é possível generalizar. As sociedades tratadas neste estudo são as lorubas, Agni, Senufo (LEITE, 2008); comunidades em Camarões (GESCHIERE, 2006), povos das savanas, ao sul do Saara (HAMMATE BÂ, 2010), o que não impossibilita a análise de outras comunidades. A partir destes pressupostos, contudo, não é possível generalizar. conclusões que tornem homogêneas atribuições analíticas aos inúmeros povos habitantes do continente.

Considerando as análises acima, a partir de agora serão vistos as interações das religiosidades autóctones com as áreas econômicas, da saúde e políticas, das sociedades africanas alvo deste trabalho.

Referências Bibliográficas:

BAITIDE, Roger. Religões africanas e estruturas de civilização. Conferência pronunciada durante o II Congresso Internacional de africanistas realizado em Darar, em dezembro de 1967.

GESCHIERE, Peter. Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha complexidade. *Revista de Antropologia*, vol. 35, n. 1, p. 1-20, 1992.

HAMMATE BÂ, A. A tradição viva. In: História geral da África. I. Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. - 2. ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. Capítulo 8, pág. 167-212. *HEINRIQUES* Ricardo. Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universitárias na educação. Brasília: UNESCO, 2002. 103 p.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. A questão ancestral: África negra São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2008.

OROKU, Kofi Azare. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África. VII: África sob domínio colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. - 2. ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. Capítulo 20, pág. 591-624.

Tags: vídeo crítica teatro

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

Imagens 9,10,11 – Post: Economia: manipulação e explicação através do mundo invisível

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wix x Economia: explicação e ma... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

Economia: explicação e manipulação através do mundo invisível
31.12.2013



Economia: explicação e manipulação através do mundo invisível.

Como analisa o filósofo K. Anthony Appiah (1997), as religiosidades africanas têm relações com as ciências modernas, pois possuem objetivos comuns, tal como, explicar as coisas, prever e controlar dos fenômenos sociais e suas repercussões. As questões econômicas são analisadas e tratadas sob estas perspectivas, através da manipulação de energias vitais.

Ancestralidade:

Em África as religiosidades autóctones são o paradigma que direciona as relações entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre dialogando. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, pós-morte. A religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Posts Recentes:

- Mocimbas: Visitando o Convento 12.01.2017
- Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais 31.12.2013
- Economia: explicação e...

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 14:57 13/01/2017

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wix x Economia: explicação e ma... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a

social e suas reutilizações. As questões econômicas são analisadas e tratadas sob estas perspectivas, através da manipulação de energias vitais.

A feiticaria e magia são ferramentas para manipulação das forças invisíveis, no que tangem também as questões econômicas engendradas pelas mudanças globais, pós-colonização. Para explicar como acontecem estas práticas, veremos especificamente as que se dão na região de Camarões.

Na pós-independência dos países no continente africano a feiticaria era considerada uma prática reprimida, controlada e sancionada. Com a proibição e perseguição destas práticas religiosas africanas, em certas partes da África, no período da colonização, os indivíduos, de forma pública ou não, continuavam suas atividades junto ao sagrado. Atualmente as práticas de feiticarias são efetuadas de forma aberta, criando diversas ramificações sociais. As mudanças do capitalismo e suas reutilizações vêm sendo exploradas pela feiticaria. (GESCHIERE, 2006).

As práticas anteriores sofreram algumas adaptações, no intuito de explicar algumas peculiaridades das mudanças advindas com a colonização e do mundo capitalista, conforme exemplifica Geschiere:

"Mas mesmo que a religião da cidade não seja estranha ao discurso da feiticaria, ela assume de fato novos aspectos quando ligada ao família e aos novos bens de consumo — ou seja, com a nova economia de mercado em geral. Evidentemente tais elementos — como, por exemplo, a ideia básica no família e no espaço de um controle sobre a força de trabalho de outros — estão muito bem adequados à lógica capitalista." (GESCHIERE, 2006, 27).

O parentesco é uma continuidade encontrada no manejo das energias vitais, fazendo parte das feiticarias atuais e organizam as relações sociais. As linhagens no continente africano são bastante importantes, constituem as relações sociais, políticas e econômicas.

"Mesmo esta nova forma de feiticaria da riqueza se acredita que vem sempre "de dentro" — isto é, de dentro da família. Essa éntica continuada na família paralela o oposto da ordem moderna, dominada pelo mercado. No entanto, a sentença geral do discurso de eleg. A religião que violam de "vender" seu próprio parente, já mostra quão facilmente parentesco e mercado podem se misturar." (GESCHIERE, 2006, 27).

As organizações econômicas modernas são explicadas pelas práticas de feiticaria e estas últimas continuam a existir. As manipulações do mundo invisível não carregam em si o bem e o mal, mas como é utilizada que é bom ou ruim.

Hampate Bâ (2010), em seus estudos sobre a tradição viva no continente mostra como alguns ofícios estão ligados ao sagrado. Os ofícios tradicionais são passados de geração para geração, de acordo com as aptitudes naturais dos indivíduos. O aprendizado nunca termina, porém, todos os filhos podem exercer suas funções. Para não haver divulgações das práticas secretas da ritualização dos ofícios, são incentivados os casamentos endogâmicos, ocasionando a formação de castas. Os artesãos têm uma condição de nobreza dentro dessas sociedades, sendo o ofício de ferreiro o melhor considerado, porque sabe o segredo das transmutações pelo fogo.

"Assim, o artesão tradicional, imitando Maa Ngala, "repetindo" com seus gestos a criação primordial, realizava não um "trabalho" no sentido puramente econômico da palavra, mas uma função sagrada que empregava as forças fundamentais da vida e em que se aplicava todo o seu "Na intimidade da oficina ou da forja, participava do mistério renovado da criação eterna." (HAMPRATE BÂ, 2010, 188).

Como podemos ver, as questões econômicas e do mundo do trabalho, nas sociedades pesquisadas pelos autores citados, existem sempre e uma comunhão entre o mundo material, as práticas econômicas, com as forças do mundo invisível.

Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais
31.12.2013

Economia: explicação e manipulação através do mundo invisível
31.12.2013

Religiosidades africanas e a área de saúde
31.12.2013

O poder político e religiosidades africanas
28.11.2013

Ancestralidade
01.02.2013

Giassiro
01.02.2013

.....

Procurar por TAGS:

Comentários crítica exposição festival teatro video

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 14:58 13/01/2017

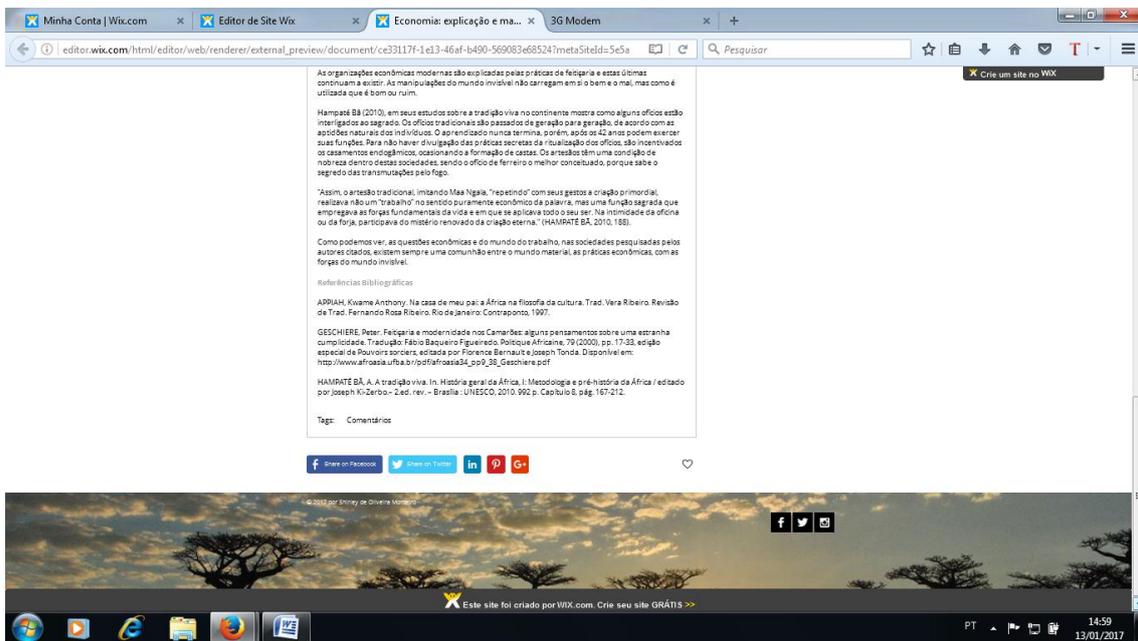


Imagem 12,13 – Post: Religiosidades africanas e a área da saúde



Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | Religiosidades africanas e a... | 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Esta interação contínua entre os espaços pré e pós-ancestral permite ao africano utilizar-se, sem maiores problemas, dos curandeiros da medicina ocidental, no tratamento dos problemas de saúde. As doenças do corpo têm origem social, causando desorientação espiritual e física, portanto, são necessários cuidados, que garantam sucesso na eliminação do problema. (GESCHIERE, 2006).

No Mali, por exemplo, da Hamparé Bâ, sobre os curandeiros:
 "Os curandeiros (que curam por meio de plantas ou pelo 'falar') podem pensar em qualquer classe ou grupo étnico. Normalmente eles são Doma. Cada povo possui como herança dons particulares, transmitidos de geração a geração através da iniciação. Assim, os Dogon do Mali têm a reputação de conhecer o segredo da lepra, que sabem curar muito rapidamente sem deixar uma única marca, e o segredo da cura da tuberculose. Além disso, são excelentes "restauradores", pois conseguem recolocar os ossos quebrados, mesmo em caso de fraturas graves." (HAMARTEBÂ, 2010, 190).

A manipulação das forças vitais tem por objetivo a solução das diversas questões, que permeiam o mundo material e espiritual, através dos rituais de cura, adivinhação, tranças. Feitas por pessoas com conhecimento específico nesta área. Na procura pela cura dos males são usados objetos de poder, rituais, oferendas, a fim de promover o equilíbrio entre os mundos e a erradicação das doenças. (GESCHIERE, 2006).

A saúde e os processos de cura referem-se à parte das sociedades africanas, no caso mais específico de alguns lugares da África ocidental, Camarões, Sul do Saara ocorrem segundo suas crenças e vivências junto ao sagrado. Não impedindo a busca pelas soluções da medicina conjuntamente com as ajudas espirituais, que constituem suas curas.

A cura através da manipulação do sobrenatural conversa de forma harmônica com práticas das modernas, haja estas sociedades acreditarem na necessidade da movimentação das forças vitais. As forças ocultas não estão em lugar inatingível, mas participam de forma positiva ou não, do seu dia-a-dia.

Referências Bibliográficas
 GESCHIERE, Peter. Fetigaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha complicidade. Tradução Fabio Baquero Figueredo. Poética Africana, 79 (2000), pp. 17-33, edição especial da Pesquisa social, editada por Florence Bernau e Joseph Tonda. Disponível em: http://www.afriest.ufba.br/pdf/afriest34_pp17_33_Geschier.pdf
 HAMARTEBÂ, A. A tradição viva. In: História geral da África I: Mezdologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo - 2.ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. Capítulo 8, pág. 167-212.

Tags: Comentários, exposição, crítica, festival

Share on Facebook | Share on Twitter | LinkedIn | Pinterest | Google+

© 2017 por Shirley de Oliveira Monteiro

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:03 13/01/2017

Imagens 14,15 – Post: O poder político e as religiosidades africanas

Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | O poder político e religi... | 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

O poder político e religiosidades africanas
 28/11/2013

O entendimento do poder exercido pelos indivíduos em algumas localidades no continente, precisa ser entendido a partir da religiosidade. As chefias locais e as religiosidades africanas exercem entre si papéis de complementaridade.

"[...] nos estados africanos tradicionais, entre o Chefe e o Povo, tendo aquele necessidade deste para assegurar, graças a seu maná, a boa marcha da natureza - como, graças à redistribuição dos bens que controla, ele assegura a democratização das relações sociais." (BASTIDE, 1967, 14).

Ancestralidade:
 Em África as religiosidades autóctones são o amálgama que direciona os rituais entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre dialogando. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, pós-morta. A religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Posts Recentes
 Mapas Visualizando o Continente
 12/12/17
 Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais
 01/12/17
 Espiritualidade

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:06 13/01/2017

Minha Conta | Wix.com x Editor de Site Wix x O poder político e religiosi... x 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da...

control, ele assegura a democratização das relações sociais." (BASTIDE, 1967, 14).

As velhas elites sobreviveram à colonização e criaram novas categorias sociais, inclusive a nova elite, constituída muitas vezes por filhos das elites locais. Inicialmente, após independência, a adoção de formas de poder trazidas pelos colonizadores, criou-se a visão de primitivismo, em relação às religiosidades africanas. As práticas religiosas, entretanto, nunca foram deixadas de lado, como já foi dito (OPOKU, 2010).

O poder é estruturado junto ao sagrado, este e o profano são características basilares para assumir o poder. As decisões são tomadas após consulta aos ancestrais, que estão a proteger a comunidade.

As formas de poder são diversas em África, assim como outros aspectos no continente, marcado pela pluralidade. Os governos estabelecidos, no pós-independência, mantiveram uma convivência com as chefias locais e suas práticas religiosas, que passaram a ser aceites de forma oficial.

Segundo Geschiere (2006, 23), em determinadas sociedades camaronesas, no que diz respeito às Religiões ou religiões, quem valida ou não estas práticas é o chefe (fon). Dessa forma, se "trazido ao fon a autoridade moral para neutralizar os poderes perigosos dos novos ricos e assim coligar os temores acerca da proliferação de novas ameaças de fetigaria".

O poder e ancestralidade estão intimamente ligados, haja vista serem as religiosidades ancestrais fonte de exploração e controle das energias que habitam o mundo visível e o invisível. A convivência entre as novas formas de organização política e as elites locais muitas vezes passaram pela mediação religiosa.

Hampaté Bâ cita alguns problemas entre o poder empesado após independência de países africanos. "O drama todo do que chamarei de 'África de base' é o de ser frequentemente governada por uma minoria intelectual que não compreende mais, através de princípios incompatíveis com a sua realidade." (HAMPATÉ BÂ, 2010, 210).

A cultura africana continua, em que pese às interrupções e resignificações, mantendo de muitas maneiras suas bases na vivência do sagrado, inclusive na área política.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, Roger. Religiões africanas e estruturas de civilização. Conferência pronunciada durante o II Congresso Internacional de Africanistas realizado em Dakar, em setembro de 1967.

GESCHIERE, Jean. Fetigaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha complexidade. Tradução Fábio Baquero Figueiredo. Poitica Africana, 79 (2000), pp. 17-33, edição especial de Rouviri Sorcière, editada por Florence Bernault e Joseph Tonda. Disponível em: http://www.afroasia.ufrba.br/portal/afroasia/afro_36_Geschiere.pdf

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: História geral da África. I. Geologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo - 2. ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. Capítulo 3, pag. 167-215.

OPOKU, Kofi-Arens. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África. VIII: África sob domínio colonial, 1820-1935 / editado por Albert Adu Boahen - 2. ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010. Capítulo 20, pag. 591-624.

Tags: Comentários exposição

31.12.2013
Economia: exploração e manipulação através do mundo invisível
31.12.2013
Religiosidades africanas e a área de saúde
31.12.2013
O poder político religiosidades africanas
31.12.2013
Ancestralidade
01.02.2013
Geschiere
01.02.2013

Procurar por TAGS

Comentários crítica exposição
festival teatro vídeo

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

PT 15:08 13/01/2017

Imagens 16,17 – Post: Ancestralidade

Minha Conta | Wix.com x Editor de Site Wix x Single Post x 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da...

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

Ancestralidade
01.02.2013

Ancestralidade:
Em África as religiosidades autóctones são o amálgama que direciona os rituais entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre dialogando. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, pós-morte. A religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Posts Recentes
Mapas Visualizando o Continente
12.01.2017
Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais
31.12.2013
Economia: exploração e

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

PT 15:13 13/01/2017

Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | Single Post | 3G Modern

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

01.08.2013

Procurar por TAGS

Comentários crítica exposição festival teatro video

A religião africana tradicional não apenas era onipresente, mas também unia os homens aos poderes invisíveis, ajudando-os a estabelecer relações justas com as potências extra-humanas e com seus semelhantes. A religião era o amálgama que dava às sociedades humanas sentido, estabilidade e coesão. Além disso, ajudava os homens a compreender e dominar os acontecimentos, a se libertar de suas dívidas, angústias e sentimentos de culpa. (OPOKU, 2010, 569).

OpoKu traduzu acertadamente o papel exercido por determinadas religiosidades africanas no continente, suas abrangências e utilidades. A política, a saúde, a economia, entre outras estruturas sociais estão interligadas pelo sagrado. O indivíduo é compreendido na sua forma pré-ancestral, durante sua vida material, período em que se prepara para vida espiritual, ou seja, para a ancestralidade.

A magia segundo os bamaras e paui, povos das savanas, tem como objetivo restaurar o equilíbrio, reestabelecendo a harmonia, que tenha sido quebrada entre o mundo visível e o invisível, pois esta é a missão dada ao homem pelo criador. (HAMDATE BÀ, 2010).

As conexões entre estes mundos são estabelecidas por práticas milenares, que vão se adaptando segundo suas realidades locais, portanto, possuem mobilidades. Os agentes com conhecimentos específicos articulam estas interações, que podem causar fortuna, proteção, curas e infortúnios.

A ancestralidade, manipulação da realidade, das forças vitais fazem parte da cosmogonia de alguns povos em África, assim como as interações com outras religiões, acabaram por criar novas formas de religiosidades.

A cultura religiosa ancestral continua presente em parte do continente, como disse Hamate Bâ, porque constitui na especificidade do africano e molda suas relações político, econômicas e sócio-culturais.

Referências Bibliográficas

HAMDATE BÀ, A. A tradição viva. In: História geral da África. I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo - 2. ed. rev. - Brasília : UNESCO, 2010. 992 p. Capítulo 8, pág. 167-212.

OPOKU, Kofi Asare. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. - 2. ed. rev. - Brasília : UNESCO, 2010. Capítulo 20, pág. 591-624.

Tags: video Comentários

Share on Facebook | Likes on Twitter | LinkedIn | Pinterest | Google+

© 2013 por Shirley de Oliveira Monteiro

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:15 13/01/2017

Imagens 18,19 – Post: Glossário

Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | Glossário | 3G Modern

editor.wix.com/html/editor/web/renderere/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

01.08.2013

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

Glossário
01.08.2013

Ancestralidade:
Em África as religiosidades africanas são o amálgama que direciona as relações entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre interagindo. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, portanto, a religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Últimos Recentes
Mapas Visualizando o Continente 12.01.2017
Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais 01.12.2013
Espiritualidade

Ancestral - Relacionado aos antepassados, às pessoas de quem se desce; familiar mais antigo.

Cosmogonia - Cada povo tem seu mito fundador sobre a origem do mundo, cada cultura conta a sua história, suas lendas, seus mitos. Princípios religiosos, mitos ou científicos, que tentam explicar a origem do universo e influenciam a nossa visão de mundo.

Diáspora - Dispersão forçada de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, cultural, econômica e social.

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:19 13/01/2017

Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | Glossário | 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderers/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

unseparar - Unseparar no caso de um sinal em correspondência de precessão ou paragem por pontos, religiosa, étnica, como no caso da escritação africana.

Dogmas - É uma palavra de origem grega e significa 'o que se pensa a verdade'. Fundamentos da religião, que se ligava a crenças e regras.

Ekong - É uma nova forma de festaria própria dos centros urbanos e com objetivos bem específicos.

Inextricavelmente - Qualidade daquilo que não se separa.

Maná - Alimento, sustento (mora).

Onipresente - Que está presente em todos os lugares, em todas as partes.

Oralidade - Fato ou ato de viva voz. Transmissão de boca em boca.

Profano - Que é estranho, que não pertence à religião.

Reencarnação - Crença de que, após a morte, a alma de um ser humano retorna à vida com outro corpo.

Religão - Do latim religio, que significa "ouvir e reverência aos deuses". Os etimologistas discutem bastante a respeito sobre a real origem etimológica da palavra "religão". No entanto, muitos acreditam que tenha surgido a partir da junção do prefixo re, funciona como um intensificador da palavra que o sucede, neste caso ligare, significa "unir" ou "atar". Assim, religare seria o sentido de "ligar novamente", "votar a ligar" ou "religar". Atualmente, o conceito de religião é definido como sendo um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças. Em África tudo está na esfera do sagrado, não havendo necessidade desta religião com o mesmo, tornando o termo "religiosidade" mais apropriado.

Rites - No sentido mais geral é uma sucessão de palavras e atos que, repetida, combe uma cerimônia (religiosa ou civil). Apesar de seguir um padrão, o rito não é mecanizado pois pode atualizar um mito, mantendo ensinamentos ancestrais e sagrados.

Tradicional (Tradição) - A palavra tradição é mais dinâmica do que parece à primeira vista. Tradição, em si, é a ação de entregar, de transmitir algo a alguém, de confiar algo valioso a outra pessoa. Uma pessoa tradicional é aquela que recebeu (e a receber) transmitiu depois um conhecimento, uma herança ou uma responsabilidade do passado. As tradições são reelaboradas, não são engessadas.

Disponível em: <http://www.dicionariometimologico.com.br/religio/>
Disponível em: <http://www.dicionariometimologico.com.br/tradiciao/>

Tags: Comentários exposição crítica

Comentários: crítica exposição festival teatro vídeo

Procurar por TAGS

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

Resolver problemas do PC: 1 mensagem

PT 15:21 13/01/2017

Imagens 20,21,22,23,24 – Post: Mapas: visualizando o continente

Minha Conta | Wix.com | Editor de Site Wix | Mapas: Visualizando o Con... | 3G Modem

editor.wix.com/html/editor/web/renderers/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Religiosidades Africanas

ANCESTRALIDADE

BLOG SOBRE CONTATO

Mapas: Visualizando o Continente
12/01/2017

As diversidades africanas apresentadas pelos mapas.

Imagem 1 - Mapa de divisões políticas



Ancestralidade:
Em África as religiosidades autóctones são o smálgama que direciona os rituais entre o mundo visível e o sagrado. Estes dois espaços, o material e espiritual, estão sempre dialogando. O mundo está cheio de energias e a manipulação destas forças constitui parte desta interação. Estas interações acontecem de forma ritualizada, através dos rituais de passagem, que prepara o homem para alcançar outros níveis de sua vida, até alcançar a forma ancestral, psíquica. A religião na África é qualquer interação entre os mundos, o material e o espiritual.

Posts Recentes
Mapas: Visualizando o Continente 12/01/2017
Religiosidades africanas: manipulação das forças vitais 01/12/2016
Economia: exploração e manipulação através do mundo invisível 01/12/2016
Religiosidades africanas e a área da saúde 01/12/2016
O poder político e religiosidades africanas 28/11/2016
Ancestralidade 01/08/2016
Glossário 01/05/2016

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>>

PT 15:24 13/01/2017

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wik x Mapas: Visualizando o Con... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderers/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Imagem 2 - Mapa da África Ocidental



Imagem 3 - Mapa físico da África



manipulação através do mundo
instituí
31.12.2013
Religiões africanas e a área
da saúde
31.12.2013
O poder político e religiões
africanas
28.11.2013
Ancestralidade
01.05.2013
Glossário
01.05.2013

Procurar por TAGS

Comentários crítica exposição
festival teatro vídeo

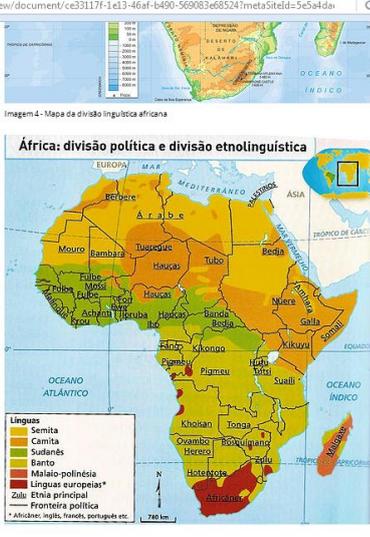
Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:25 13/01/2017

Minha Conta | Wik.com x Editor de Site Wik x Mapas: Visualizando o Con... x 3G Modem

editor.wik.com/html/editor/web/renderers/external_preview/document/ce33117f-1e13-46af-b490-569083e68524?metaSiteId=5e5a4da

Imagem 4 - Mapa da divisão linguística africana



África: divisão política e divisão etnolinguística

Línguas

- Semita
- Camita
- Sudanes
- Banto
- Mé-lalo-polinésia
- Línguas europeias*

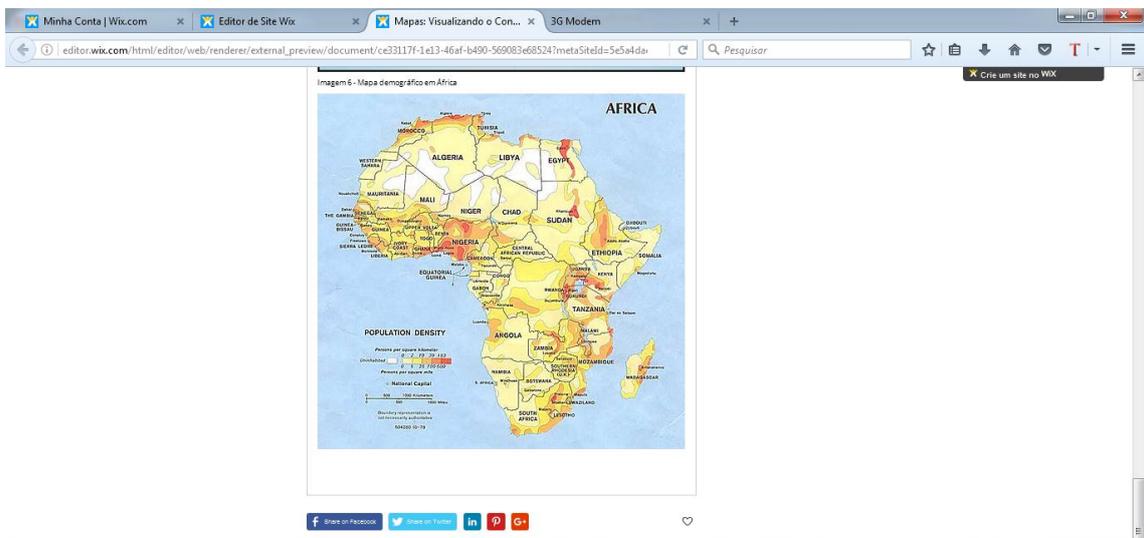
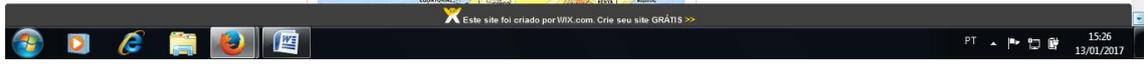
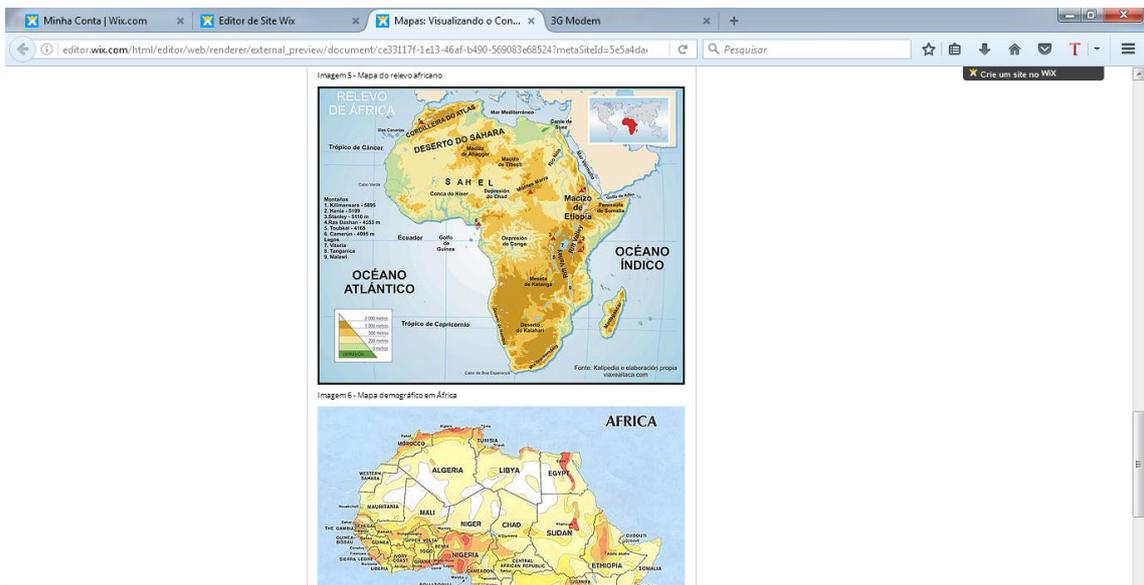
Zulu: Etnia principal

— Fronteira política

* Africanas: inglês, francês, português etc.

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

PT 15:25 13/01/2017



**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM NÍVEL DE
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
POR: SHIRLEY DA SILVA OLIVEIRA**

3 - PORTFÓLIO

A minha vida escolar iniciou-se no período ditatorial brasileiro, mas precisamente em 1971, quando fui oficialmente alfabetizada, terminando em 1983. No entanto já tinha contato com livros e revistas em quadrinho, através do meu pai, que era um ávido leitor. Assim transcorreu todo o período escolar, que abrangeu ensino primário e ginásial, ou seja, ensino fundamental e médio atuais, dentro dos moldes da Ditadura Militar.

Em 2009, após passar no vestibular para o curso História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reiniciei meus estudos, no ensino superior, me graduando em 2013, licenciatura, e 2014, bacharelado.

Durante toda minha vida escolar as imagens a que fui submetida sobre o Continente Africano foram repletas de ideologias negativas sobre este e sua população. Para, além disto, o ideário da “democracia racial” permeou de forma estruturante todo conhecimento sobre a formação do povo brasileiro e a vida social, econômica e política, da qual eu fazia parte.

Sempre tive prazer nos estudos e era considerada uma boa aluna. Contudo, na transição do fundamental para o ensino médio, meu pai foi muito criticado, porque deixou que eu fizesse o segundo grau não profissionalizante. Como éramos pobres, não teria como fazer faculdade e seria perda de tempo e de fato, posteriormente, tive que parar de estudar. Como citado, éramos pobres e fiquei órfã no último ano, mas ainda assim terminei o segundo grau e isso foi um feito.

Nunca parei para refletir que tal situação se deu pelo fato de ser negra, filha de negros, vivendo em uma sociedade racista e excludente. Muito menos tinha ideia da história real da formação do povo brasileiro, da realidade inerente à escravidão e a abolição, dos apagamentos e deturpações sobre a África e seu povo. Na verdade pensava que meus problemas tinham origem na pobreza da minha família, na orfandade, nos meus cabelos “ruins”, na minha feia estética para os padrões da sociedade. Tai ideologias estavam naturalizadas em todos os meios sociais, espaços interativos, instituições, era uma realidade inquestionável.

Em 2010, já na faculdade, foi oferecido um tópico de História da África Antiga, que por problemas burocráticos teve o tempo reduzido, entretanto serviu para despertar um interesse pelo Continente. Esta disciplina aparece em meu histórico como tópico de política, nem mesmo o nome correto foi dado, em que pese à existência da Lei 10639/03. Este em momento algum abrangeu às relações étnico-raciais, não era a proposta do curso, porém acho complicado separar as duas coisas. Não tendo o mesmo dialogado de forma satisfatória com a grade do curso, totalmente embasada no molde europeu de ensino. Os recortes temporais das disciplinas não abarcavam outro viés de pensar a história do mundo e suas sociedades. Embora houvesse questionamentos sobre a não existência da pureza da História, sendo os historiadores fruto de seu tempo e sua escrita obediente a interesses do momento. Assim sendo, tivemos debates sobre como se deu a escravidão e abolição, as resistências negras, o Egito localizado na África, porém não fomentou desejo por ir ao âmago da questão.

No final do curso eu não tinha muito conhecimento para me entender enquanto negra no Brasil, para colocar em prática a Lei 10.639/03, da qual tinha pouca informação. A África continuava a ser um continente homogêneo, cheio de pobreza, doença, primitivismo, guerras e eu fruto da pobreza e de alguma má sorte do destino.

Atualmente tive notícias que existem disciplinas mais reveladoras sobre a África no curso de História da UFJF, os novos alunos estão usufruindo estes saberes imprescindíveis. Fico na esperança que o corpo docente do mesmo esteja interagindo, no sentido de incluir de forma efetiva a África e as relações étnico-raciais na grade do curso. Os futuros professores devem ter conhecimento, a fim de que seus alunos possam ter uma educação inclusiva, para se olharem como indivíduos com possibilidades, valores e empatia para a diversidade.

Ao tentar lançar-me no mercado de trabalho, passei por muitas dificuldades e vi que precisava fazer cursos de extensão, especializações e pós, para obter mais competitividade. Ao meio de alguns cursos de extensão fiz um de história da África, bem geral, mas li alguns textos instigadores, apontando para os muitos erros e intencionalidades negativas, sobre o continente. Informações valiosas sobre o povo, as diversidades de climas, culturas, ritos, línguas, enfim da existência literal de várias África. Continuei na procura por mais conhecimento na área, quando vi nas redes sociais o edital para pós em História da África, na UFJF, pensei ser esta a minha oportunidade e pleiteei uma vaga.

Ao reler minha carta de intenção feita por ocasião, vejo que já possuía uma ideia, no tocante à diversidade existente no mesmo, que caminhava na direção certa.

Inclusive, estava correta também sobre a carência destes conhecimentos para a prática docente, porém sem muito conhecimento da Lei 10639/03. Contudo, eram perspectivas muito insipientes, carecendo de embasamentos mais profundos, sobre meu papel neste universo da educação e no mundo em que vivo. A obrigatoriedade normativa da história da África e indígena não foi citada por mim, porém de certa forma antevia esta precisão.

Ao mesmo tempo fiz um curso de extensão de relações étnico-raciais, onde a Lei 10639/03 veio como propulsora, abarcando, portanto, questão do negro na sociedade e no ambiente escolar. O impacto naquele momento foi totalmente desestabilizador, para além das informações, pois foi à ocasião, em que me vi dentro daquele contexto. Toda a minha vida, meus passos, erros, acertos, os racismos dissimulados que sofri e não me dei conta, começaram a aparecer para mim como participes da minha história. Os textos constantes na bibliografia do curso eram resultantes de pesquisas importantes, fiquei estarrecida com os universos racistas naturalizados em sala de aula, apontados nas pesquisas de campo.

Eu sempre procurei me respaldar em atitudes e pensamentos mais abertos, procurava ser uma pessoa de bons princípios e buscava ter empatia pelo próximo. No entanto, o racismo sistemático, estruturante, que perpassou toda a minha formação escolar, minha vivência familiar e social, mostrou-me a realidade atroz, de certa forma eu fazia parte daquele mundo preconceituoso. Reproduzindo ou me calando, como autora ou vítima, o racismo étnico-racial fazia parte do meu cotidiano, conduzia minhas ações, não com atitudes estanques e reveladoras, mas de forma inconsciente, de negação do valor da minha raça.

Somente agora tenho preenchido estes questionários oficiais, aonde temos que especificar cor, como eu, Shirley, negra. Sou resultado da união de duas pessoas negras, que eram os mais claros dos irmãos, sem alguns dos estereótipos marcantes para designar a pessoa como negra. Antes era cor não declarada, não me via como branca, mas custava-me aceitar o pardo como opção de cor. A negritude para mim era uma questão de raça e raça não tinha conotação política, e sim, pejorativa, como de um animal irracional. Bombardeada desde a infância com a ideologia, que meu cabelo crespo, meus lábios grossos eram feios, ruins, me assumir como negra foi uma luta interna de grandes proporções e consequências.

Por isso vejo a importância de cumprir esta Lei nas escolas, haja vista serem estas locais de formação, construção de ideias e valorização do ser humano, pelo menos deveria ser. Não só nas escolas como em todos os espaços, a fim de promover a desconstrução destas estruturas ideológicas, que muito erroneamente desqualifica o

indivíduo por causa de sua cor. Ideologias que têm objetivos e interesses de grupos específicos, que desde tempos imemoriais primam por impor seus conceitos civilizatórios, prioridades políticas e econômicas. Aviltar outros grupos, desmerecer outras culturas, com ações ordenadas e maciças, têm sido o papel cumprido por estas, no tangente aos outros povos, não europeu, branco e cristão. A escrita das Histórias das sociedades, suas transformações, são alicerçadas em teorias ditas científicas, que não se sustentaram, para, além disto, em negações e silêncios propositais.

Muitas lutas foram empreendidas para chegar à normatização do estudo da África e as relações étnico-raciais nas escolas brasileiras, e outros tantos embates têm sido travado para seu cumprimento. Temos noção disto analisando a nossa trajetória escolar, inclusive no ensino superior, muitas resistências perpassam estes caminhos, causando dores e desânimos. Como ir para as escolas, cumprir uma lei, sem formação, conhecimento e vivência? Há que se ter coragem e firmeza de caráter.

3.1 - Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

O ambiente escolar é um importante espaço na construção do que somos, da nossa identidade enquanto seres sociais. Como o indivíduo passa muito tempo dentro deste ambiente, a sua identidade pessoal, sua auto-representação, que aparece a partir do contato com o outro, pode ser alterada. Entretanto, no Brasil, a escola é um lugar de reprodução das desigualdades e de disseminação da ideologia do Estado, que por sua vez reflete os interesses das classes dominantes.

Estas desigualdades foram gestadas desde a formação do povo brasileiro, com a vinda dos negros para o Brasil na condição de escravizados e nas teorias racistas eurocêntricas, as quais deram origem a várias ações públicas em benefício de poucos em detrimento de muitos. O resultado destas práticas foi à gestação de desigualdades históricas, racismos e estereótipos negativos dos índios e negros na sociedade brasileira.

O racismo no Brasil foi sistematicamente praticado de forma explícita ou velada e se tornou parte estruturante do modo de se ver, de se colocar no mundo dos indivíduos. Este preconceito foi assimilando todas as teorias biológicas e ideológicas racistas que perpassavam o ocidente europeu e posteriormente as produzidas pelo sistema colonialista do fim do século XIX até boa parte do século XX. Em conformidade com a realidade da sociedade brasileira, abarcando toda mestiçagem existente em sua formação, em que pese às tentativas de embranquecer a mesma, a

teoria da Democracia Racial criou uma falsa noção de convivência igualitária entre todos.

A teoria da Democracia Racial impossibilitou a criação de leis que corrigissem tais deturpações em prol da cidadania real. Leis transformadoras visando à construção de saberes, mediante reflexões críticas, resultando em transformações nas esferas políticas socioculturais do indivíduo. Os movimentos negros unificados começaram a colocar as necessidades e valorização da população negra, através da luta contra a discriminação racial e cobranças por políticas públicas afirmativas. A Lei 10.639/03 veio como resposta às reivindicações destes movimentos, na busca da reeducação da sociedade e do Estado brasileiro.

Como dito anteriormente, a instituição escolar é o espaço central para esta reeducação através da pedagogia da diversidade. O emprego da Lei, a fim de desconstruir os valores racistas estruturais existentes no nosso meio, é o objetivo a ser atingido rapidamente. Esta realidade não acontece de fato, muitos são os fatores causadores deste resultado, a saber, materiais pedagógicos que ora afirmam os preceitos racistas, ora silenciam, ora deturpam informações. Falta de profissionais habilitados nas diversas áreas educacionais, que possam promover o pensamento crítico sobre o modelo racionalista ocidental dominante. Respeito às diversidades, que possam passar conteúdo sobre o continente africano e a sua ligação direta com a formação do povo brasileiro. Um dos pontos críticos diz respeito à escravidão no Brasil, como se deu a abolição e o desembocar destes fatos históricos, principalmente como tudo está relacionado com as desigualdades sociais, econômicas e políticas no país. Deparamos com a inércia de muitos profissionais, no que tange à tomada de postura e os enfrentamentos advindos das tentativas de fazer vigorar a Lei 10.639, ou mesmo boicotes dos profissionais de direções educacionais e até outros professores. Fato é que são muitos os embates resultantes de qualquer renovação crítica das relações sociais. Ainda mais quando esta vem imbuída de corrigir práticas do senso comum, que vão de encontro com privilégio das classes dominantes. Não há como postergar tais atitudes, pois as escolas devem ser espaços de inclusão social.

A construção de identidades afirmativas dos discentes negros é importante, pois se pode verificar facilmente que as escolas são lugares de construção de estereótipos. Estas imagens prontas sobre o negro estão a todo o momento dando suporte à figura negativa dos alunos com este perfil. Tais ideias se encontram em todos os espaços escolares, nos livros didáticos e na omissão dos professores. Tanto é assim que muitos alunos negros não se aceitam como tais, para além é possível ver os apelidos

depreciativos, as atitudes racistas e excludentes vindas muitas vezes dos próprios professores. Esta situação provoca reprovação e evasão escolar. Como a escolaridade é um dos fatores de mobilidade social, o indivíduo negro fica relegado às condições subalternas no mundo do trabalho e ocupa os lugares pauperizados na sociedade. Como diz o escritor Ricardo Henriques “pobreza tem cor no Brasil, é negra”.

Perpassando os problemas do enfrentamento ao racismo estrutural e aplicabilidade da Lei 10.639/03 estão os livros didáticos e estruturação dos conteúdos dos currículos escolares. O currículo e os conteúdos da educação no Brasil são essencialmente eurocêntricos, no que tange à História, área de minha formação, porém todas as outras áreas de saberes seguem o mesmo preceito. Assim como o fazer docente, a organização do ambiente educacional e sua estrutura, o modo avaliativo hierarquizante e todo o resto têm como modelo a educação europeia ocidental. São fatores que carecem de avaliação crítica, já que não contempla a diversidade e promove deturpações e desigualdade históricas. Ocasiona também desinteresse do aluno por uma educação que só faz aviltar a sua identidade.

O negro, no conteúdo escolar brasileiro, só aparecia com a instituição da escravidão, que era apontada como branda em relação a outros países, posteriormente a abolição dada como benesse pelos brancos, enquanto a África era somente o Egito, que não era negro. Tudo descontextualizado e pautado em ideologias racistas. Cabe, portanto a desconstrução destas distorções considerando a realidade do continente, primeiramente a ideia de homogeneidade africana. África não é um país, aliás, este conceito foi dado externamente, existiam naquela época assim como hoje vários povos, reinos, comunidades, que garantiam uma multiplicidade social, política, cultural e linguística. Os professores precisam problematizar a escravidão no continente africano, haja vista esta ser diferente e não ter produzido nenhuma riqueza para o mesmo. A colaboração da população nativa no apresamento de indivíduos para comércio com os europeus, precisa ser repensada, já que eram povos rivais, derrotados de guerra, os quais muitas vezes eram assimilados pelas comunidades lá, diferentemente da proposta europeia praticada nas Américas, por exemplo. Também é necessário refletir com os alunos sobre a palavra escravo para nomear a população que chega traficada, pois estes não eram escravos nos seus lugares de origem, portanto escravizado é um conceito correto para a situação.

A abolição precisa também ter um tratamento e um olhar crítico, considerando as resistências por parte da população escravizada. A miscigenação e todas as heranças das culturas trazidas por estas populações e ressignificadas em solo brasileiro. A

Revolta dos Malês é uma das resistências que pode ajudar muito a entender a diversidade da população escravizada e a expansão do islamismo na África, como foi recebido pelas populações.

A religiosidade africana e as variadas organizações das sociedades no continente são temas muito importantes para serem abordados, em salas de aulas. Estes são conteúdos difíceis de serem tratados, dizem muitos docentes, devido à satanização das mesmas, pelo projeto civilizacional cristão europeu. O cristianismo alicerçado na dicotomia, bem e mal, não reconhecia outras religiosidades, classificando-as como seitas maléficas. Nestas não existe o bem e mal isoladamente e têm praticas bem diversas das religiões cristãs, atualmente as religiões neopentecostais têm fomentado muito a intolerância religiosa contra as mesmas. Os negros escravizados quando chegavam ao país eram obrigados a aderir ao cristianismo, porém usaram de vários subterfúgios para continuarem a exercer suas práticas religiosas e suas culturas, línguas e tradições. Ainda hoje, os estereótipos e preconceitos marcam as religiões de matrizes africanas, e como dito acima, a intolerância é um fator negativo. Existem muitos problemas a serem superados, quando os temas das aulas versão sobre religiões e religiosidades africanas. Por isso, a preparação dos docentes para abordar este assunto é essencial, pois não tem como falar de África e das relações étnico-raciais deixando as religiosidades de fora. Para, além disto, o conhecimento sobre esse tema é uma ferramenta importante no que toca a valorização do respeito às diferenças também nesta área.

Outra parte do conteúdo do currículo sobre a África, o imperialismo e a colonização do continente pelas potências europeias, precisa ser desconstruído e exposto de forma crítica. O ideário do fardo civilizador do homem branco, europeu e cristão não pode permanecer, é imperativo o resgate da verdade sobre o assunto. A colonização fez parte da necessidade das nações europeias de terem mão-de-obra, por vezes análogas à escravização, território para expansão do capitalismo e matéria prima para fomentar o processo desenvolvimentista. Na África havia civilização, cultura, organização política, povos, religiosidade, línguas, escritas, bem diversas e complexas. Os imperativos econômicos e imperialistas conduziram o processo colonizador desde 1890 até os acordos e processos de independência das colônias africanas. É preciso também demonstrar as resistências, fator sempre presente. Portanto, é inaceitável a imagem passiva, inferior, na qual os povos africanos são descritos. É imprescindível tornar esta população agente de sua história, para o bem ou para o mal, como todo e qualquer povo. A manipulação, pelos colonizadores, dos conflitos internos entre as

sociedades existentes ali, que não se viam como africanos, pois este é um conceito de fora para dentro do continente, foi uma estratégia muito usada. Os acordos firmados entre as potências europeias para não venderem armamento para os africanos, também foi um dos facilitadores da colonização, contra as armas de repetição os povos resistentes eram vencidos. Os governos descentralizados foram muito mais complicados de serem anexados, no tocante aos acordos firmados entre europeus e povos africanos muitos foram enganados, porém outros obedeceram alguma lógica interna. Havia mais conhecimento das realidades africanas pelos europeus do que vice-versa.

A colonização do Congo pelo rei Leopoldo II, transformando o mesmo em sua propriedade particular, foi à representação da face mais desumana da colonização europeia no continente. Valia de tudo para engordar a conta bancária deste colonizador, sendo responsável pela mutilação e morte de milhões de congoleses.

O fato da Etiópia e Libéria não terem sofrido colonização também deve ser contextualizado, demonstrar como a primeira venceu a tentativa de invasão da Itália. A segunda sendo um território comprado por ex-escravizados norte-americanos, pela Associação Americana de Colonização, para o retorno dos mesmos ao continente. Pela proximidade deste com os EUA não passou pelo processo de colonização.

Os processos de independências são complexos, mas cruciais para entender a África contemporânea. O pan-africanismo, movimento nacionalista, participou destes processos, através da luta armada ou pelas resistências pacíficas. Havia os que queriam a ruptura imediata e os moderados aceitavam um processo contínuo. As clivagens dentro destes movimentos provinham dos interesses divergentes entre as velhas e novas elites, entre projeto federativo e o discurso mais unitário, nacional. A participação dos africanos na II Guerra Mundial e a debilidade dos colonizadores no pós-guerra desencadeou tais processos. Os britânicos e franceses não querendo perder as vantagens adquiridas e reconhecendo a inevitabilidade das independências trataram de fazerem acordos para manterem suas vantagens econômicas. Portugal e Bélgica, por exemplo, custaram mais a reconhecer o fato e as emancipações se deram pela luta armada. Embora os conflitos tenham acontecido pelas duas formas em todos os casos, em algum momento. Os resultados advindos destes processos de emancipação são complexos, inicialmente pelo modo como ocorreu à ocupação colonial destes territórios. Estas ocupações tiveram uma lógica exploratória externa, assim as populações, cultural e politicamente diferentes ou mesmo antagônicas, foram colocadas dentro do mesmo Estado. Tal situação provocou e provoca embates sistemáticos e violentos, por vezes, dentro destes países, que conservaram a mesma conformação territorial engendrada

pelos colonizadores. Haja vista haverem várias línguas no mesmo Estado a língua oficial é a do colonizador, além das línguas nativas se tem o árabe introduzido pelo Islã e a necessidade de ler o Alcorão. Uma das coisas positivas, das muitas encontradas na África é o fato de que os africanos são políglotas, pois existem mais de duas mil línguas faladas no continente, sem contar as línguas estrangeiras.

Como foi dito pelo professor Fábio Baqueiro, “Mais que falar sobre África, temos que ter o que falar sobre África”. Devido às várias intervenções negativas sofridas o continente africano não se desenvolveu de forma natural. Atualmente convive com os resultados disto, entretanto existem muitas temáticas que mostram o grande valor humano, objetivo e subjetivo, existente em África. Desde o fato de esta ser o berço da humanidade, abarcando sua história, contada de dentro para fora, assim como sua diversidade linguística, religiosa, política e cultural. Não existe uma só África, esta unicidade é um equívoco, dos vários existentes, que precisam ser desconstruídos em salas de aulas. Esta pluralidade não pode ser esquecida, é essencial para entender a dinâmica do continente.

A Lei 10.639/03 tem como objetivo essencial o combate ao racismo estruturante perpetuado pelos silêncios e falas que perpassam o processo educacional brasileiro. Urge que esta não seja ignorada ou não acatada por falta de vontade, coragem ou esclarecimento. Este intuito requer empenho contínuo que a escola seja um espaço para reflexão crítica e inclusão, todas as tentativas em contrário devem ser repudiadas veementemente.

3.2 - Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas

A efetivação da Lei 10.639/03 no ambiente escolar tem sido um grande desafio docente, assim como de toda a comunidade educacional. Dentro das escolas existe a grade tradicional de conteúdos, baseada nas avaliações nacionais e provas de ingresso no ensino superior, que acabam por enrijecer o fazer do profissional da educação. Nas escolas particulares este fator é enormemente considerado pelos profissionais da educação, como um todo, ficando as histórias africanas, indígenas e de outros povos, para além da Europa Ocidental, relegadas a tópicos isolados da disciplina de história. Para quebrar este paradigma são necessárias muitas ações afirmativas, nada fáceis, contudo extremamente importantes.

Com a Lei 10.639/03 os organizadores dos livros didáticos, dos campos de materiais didáticos em geral, tiveram que se adequar a legislação e a história da África passou a figurar nestes instrumentos de ensino. Não obstante pelo pouco conhecimento do tema, ou da falta de compreensão do real valor que a temática representa para a sociedade brasileira, no tangente a luta anti-racismo e erradicação das desigualdades sociais históricas, estes conteúdos têm que ser problematizados.

A História da África fica então circunscrita a: a África, o berço da humanidade, ao Egito, ao período da escravidão e ao imperialismo. Tudo muito desvinculado do objetivo principal da Lei, a saber, combate ao racismo e valorização de ações afirmativas inclusivas da população afro-descendente.

Ao iniciar, portanto, o capítulo um do livro, História em Movimento de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacop, por exemplo, África, o berço da humanidade, é fundamental buscar o conhecimento prévio do discente sobre o Continente. Fazer um esquema com o ideário destes alunos sobre o tema e problematizar este conhecimento, produzido socialmente, com uma intenção previamente concebida. Este será um momento inicial de catarse, de desmonte deste ideário racista, naturalizado por séculos de usos e desusos. Um material para exercitar esta prática é uma imagem da evolução da espécie humana iniciando com um primata e finalizando em uma mulher branca, em que pese a inovação na questão de gênero.

Em seguida, na segunda unidade, o tema é a urbanização, onde se encontram as grandes civilizações, dentre elas o Egito. Neste momento, o debate sobre o conceito de civilização, como foi constituído, atende a critérios que privilegiam a quem? São coisas não ditas, que fazem toda a diferença na educação inclusiva. Questionar a motivação que levou por tanto tempo a História do Egito estar desvinculada da História da África. Os artefatos, pinturas, objetos mostrados no livro, geralmente são encontradas em museus europeus, por quê? Enfim aproveitar o capítulo e dar voz a todos os silenciamentos contidos ali.

O fechamento desta unidade discorre sobre a urbanização crescente e as constituições das favelas. Neste ponto, a proposta de uma intervenção utilizada como ferramenta um poema, de Marcelo Lopes, que fala o tema.

FAVELA

A Senzala fugiu da Casa-Grande,
ganhou as avenidas
e subiu nos morros.

Em suas ruas estreitas,
rostos suados e pernas bem-feitas...
Todos correm apressados.

Em cada casebre,
velhos rugosos e rostos imberbes
procuram, dia a dia,
ganhar o pão e o chão.

Nem sol, nem chuva
nem a lei da gravidade
abalam a firme estrutura
desta pseudocidade.

Mil novos Quilombos
se erguem aos tombos
na chamada civilização,
com rios de asfalto
e palmeiras de plástico,
sem cor nem umidade:
São Palmares de verdade!

A Senzala mudou de nome;
batizaram-na **Favela**
que por nós vela,
do alto do morro.

Tornou-se Casa-Grande
e todos nós, restantes
nos transformamos na Senzala
da Cidade Grande.³

Como a interdisciplinaridade é muito importante na práxis educacional inclusiva, caberia neste momento propor a (o) professora (o) de português e geografia, que estes ajudassem a promover um concurso de poesia/poemas.

Início de atividades:

Parte do professor de história

- Analisar a origem etimológica da palavra favela, diminutivo de fava, a saber, inicialmente uma planta/arbusto originária da caatinga, descrita por Euclídes da Cunha, em Os Sertões, que dava nome ao morro Favela, do Arraial de Canudos, na Bahia. Soldados, que lutaram na Guerra de Canudos, construíram suas casas no morro da Providência, no Rio de Janeiro, e, possivelmente, pela semelhança dos dois morros, passou a ter o mesmo nome, Favela. Posteriormente, todos os aglomerados populacionais, sejam em morros e terrenos planos, constituídos de barracos, com

³ - **Marcelo Lopes** - 1º lugar no Concurso Prêmio Pérolas de Poesias, promovido pela Secretaria de Cultura/Prefª Munic. de Guarulhos, 2005, SP e 2º lugar no 1º Concurso de Poesia de São Bentinho, Prêmio Belarmino França, 2006, PB

precariedade de saneamento básico, habitados pela população carente financeiramente, passaram a ser denominados de favelas.

- Fazer um trabalho, junto aos alunos, sobre como o conceito de favela sofreu transformações, desde o início de sua utilização até os dias atuais.

- Apresentar informações prévias sobre as formações das favelas, os projetos higienistas do início do século XX, a formação da polícia, todo sistema baseado em ações racistas e em sintonia com a ordem mundial vigente.

-Em um segundo momento pedir que os alunos façam uma investigação de como foram as formações de suas comunidades. Estes se utilizarão de informações oficiais e de fontes orais dos moradores mais idosos.

- Trabalhando com mapas.

Parte do professor de geografia

- Usar o continente africano para abordar a temática, redesenhando o mapa do mundo, onde as questões raciais, políticas, religiosas, econômicas, locais e internacionais, são levadas em conta.

- Trabalhando os mapas da África e locais.

Parte do professor português/literatura

- Trabalhar este gênero literário considerando poetas africanos, como por exemplo, Antonio Agostinho Neto, poeta Angolano.

O CHORO DE ÁFRICA

O choro durante séculos

nos seus olhos traidores pela servidão dos homens

no desejo alimentado entre ambições de lufadas românticas

nos batuques choro de África

nos sorrisos choro de África

nos sarcasmos no trabalho choro de África

Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal

meu irmão Nguxi e amigo Mussunda

no círculo das violências

mesmo na magia poderosa da terra

e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de todas as almas

e das hemorragias dos ritmos das feridas de África

e mesmo na morte do sangue ao contato com o chão

mesmo no florir aromatizado da floresta

mesmo na folha

no fruto

na agilidade da zebra

na secura do deserto

na harmonia das correntes ou no sossego dos lagos

mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens

o choro de séculos
 inventado na servidão
 em histórias de dramas negros almas brancas preguiças
 e espíritos infantis de África
 as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas
 o choro de séculos
 onde a verdade violentada se estiola no círculo de ferro
 da desonesta força
 sacrificadora dos corpos cadaverizados
 inimiga da vida
 fechada em estreitos cérebros de máquinas de contar
 na violência
 na violência
 na violência
 O choro de África é um sintoma
 Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias
 desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas - por nós!
 E amor e os olhos secos.

As poesias seriam submetidas ao julgamento de um júri composto pelos docentes envolvidos, um membro de cada setor da comunidade escolar, administrativo, pedagógico, funcionários, discente, pais. Necessário constar das produções literárias pontos tais como, história de sua comunidade ou de seu grupo social, local ou de forma mais ampla. A premiação deverá contemplar a todos os participantes, porém os três primeiros colocados devem ter um adendo à premiação. Considerando sempre que o objetivo primeiro é a valorização dos alunos e de suas histórias, para além da aplicação da Lei 10.639/03.

Muitas outras possibilidades existem e devem abarcar todas as disciplinas, não somente no campo das humanas, assim como tantos outros temas, que garantiriam uma educação de qualidade e acolhedora das diversidades contidas na comunidade escolar.

Conclusões

O curso de História da África foi uma formação abrangente, abarcando vários fatores tanto profissionais, quanto pessoal, pois com estes saberes e as relações de trocas de vivências dentro da sala de aula, me possibilitaram construir uma visão melhor de mim mesma. As questões, que permeavam minha vida, ficaram claramente expostas. Eu, enquanto membro pertencente ao grupo desfavorecido da sociedade e como tal tendo minha vida alicerçada nos resultados negativos deste fator.

Como a vida do afro-brasileiro é acentuadamente árdua, devido ao racismo internalizado, há uma tendência à negação da cor, em que pese não ser esta uma

intenção explícita, ninguém fica livre, em algum momento da vida, recorrer a este recurso, para se proteger. Poucas são as pessoas que se declaram negras, isto sugere ser um reflexo contra inúmeras situações desagradáveis a que foram expostas devido a sua cor. Os estereótipos grassam pelas relações sociais de forma cruel e são atenuados, encobertos, pelo mito da democracia racial assimilada por todos. Este curso e como ele foi conduzido e sistematizado possibilitou a tomada de consciência da realidade e pluralidade do continente africano e das relações étnico-raciais estabelecidas no Brasil, desde a escravização de africanos até formação do povo brasileiro.

Outro fator importante é a aplicabilidade da Lei 10.639/03 e esta requer formação de docentes e empatia pelas questões que ela abrange. O docente criado e educado dentro deste sistema de coisas tem que lidar com manifestações racistas de toda forma, inclusive a sua. São os apelidos pejorativos, as piadas depreciativas, os desestímulos, comentários e julgamentos racistas, implícitos e explícitos, permeando o espaço escolar e chancelado abertamente ou pelos silenciamentos do professor, da direção, dos funcionários e prestadores de serviço. Estas situações precisam de intervenção imediata e contundente, para tanto é essencial uma formação adequada e muito empenho.

As instituições governamentais têm que atentar para estas necessidades dos docentes e demais profissionais da educação brasileira. Estes têm que cobrar ações para a ocorrência destas formações, haja vista serem estes os caminhos possíveis para romper com este ciclo vicioso e para que a educação escolar cumpra o seu papel de promotora de acesso a oportunidades, inclusão, formação de identidades positivas, entre outras.

A disciplina de História da África nas escolas superiores tem que conversar com as demais, porque o isolamento da mesma não vai ao encontro da proposta da Lei na sua completude, embora seja um avanço inegável. Juntamente com o sistema de cotas, a qual abrange a proposta de reparação às inúmeras perdas sociais sofridas pela população não branca brasileira, ambas são avanços, porém outros se fazem urgentes.

Em que pese às dificuldades entre a teoria e a prática da Lei 10.639/03, os passos iniciais foram dados e os avanços devem adentrar cada vez mais no campo das ações. Considerando o espaço de autonomia do docente, é basilar na aplicação da Lei romper com a rigidez curricular, fazendo parte da rotina escolar, aproveitando todas as situações, datas, conteúdos. A História Africana e sua interação com a História e formação do povo brasileiro comportam uma gama enorme de suportes para produção de conhecimento. Cabem aos docentes, em parceria com outros colegas, representantes de outras disciplinas, introduzirem estes suportes diferenciados no ambiente escolar, de

maneira a provocar no aluno inquietação, no tangente as suas realidades sociais e econômicas.

A formação de professores é seguramente um fator basilar para fazer com que os objetivos da Lei se estabeleçam e prevaleçam, no intuito de garantir equidade entre os grupos sociais.

Contribuindo de forma afirmativa para a construção de uma sociedade democrática entre iguais. A formação precisa acontecer de forma abrangente desde o ensino superior, graduação e seus seguimentos, promovendo maior interação entre academia e conhecimento escolar vivenciado pela comunidade educacional.

A fala corrente entre os docentes é a falta de preparo para tocar nos temas referentes à Lei, e a não aplicação das temáticas são resultantes das ausências destes assuntos na grade curricular de suas graduações. Em que pese algumas incursões nos debates propostos pelos movimentos negros e alguns pesquisadores sobre a escravidão, imperialismo e relações étnico-raciais, não deram conta da complexidade que o assunto trás em si. O mito da democracia racial contribuiu para manter o conteúdo sem os questionamentos comuns a outras temáticas, ou no espaço do “não dito” legado aos assuntos perturbadores. Portanto, a formação de professores e de todos os profissionais da comunidade escolar é de suma importância.

A normatização da luta contra o racismo é um ganho das demandas do movimento negro e de toda sociedade brasileira, veio com a Lei 10.639/03 e não pode ser perdida e sim ampliada. Agora mais do que nunca as questões étnico-raciais devem ter espaço nos ambientes escolares, para promover igualdades reais entre os indivíduos, pela educação inclusiva, fazendo desta uma ferramenta para luta contra o conservadorismo político e intolerância religiosa, que atinge nosso país.